

EDIÇÃO ESPECIAL

DARCY

REVISTA DE JORNALISMO CIENTÍFICO E CULTURAL DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Nº 10 · ABRIL E MAIO DE 2012



UnB



50¹⁹⁶²₂₀₁₂

ISSN 2176-638X



9 772176 638004



UnB 50



SUA TESE RENDE UMA

REPORTAGEM

A revista de jornalismo científico e cultural da UnB foi criada para divulgar a produção intelectual realizada nos campi. Se você quer ver sua pesquisa nas páginas da DARCY, mande um e-mail para revistadarcy@unb.br



Luiz Filipe Barcelos/UnB Agência

PARABÉNS PELO FUTURO

Há uma coleção de jargões para cartas e cartões de cinquenta anos. Todos, de alguma forma, tratam o aniversariante como uma criatura experiente, com currículo gordo, cabelos prateados, alguém muito mais próximo do passado do que do futuro. Não são citações dignas de prefácios, parecem epílogos, falam de tempo de balanço, hora de retrospectiva, de revisão.

A Universidade de Brasília é a cinquentenária do mês, completa seu jubileu em 21 de abril, e desde fevereiro a equipe da revista DARCY tenta escapar dos bordões. Pensamos uma forma diferente de dar parabéns, e queremos falar mais sobre o que virá do que o que passou. Acompanhamos grupos de pesquisas, ouvimos jovens e antigos cientistas, entrevistamos professores e estudantes para montar uma pauta que retrate o futuro que está nascendo das pesquisas feitas na UnB.

Não, não optamos pelo jornalismo adivinhatório. Temos enorme respeito pela História da instituição criada nos anos 60 graças ao encontro de duas genialidades tão diferentes, o espalhafatoso Darcy Ribeiro e o discretíssimo Anísio Teixeira. Achamos tão importante resgatar esse passado que há seis números publicamos reportagens sobre a origem de departamentos, institutos e faculdades da UnB.

Esta, no entanto, é uma edição comemorativa da revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília. Nossas reportagens aqui querem celebrar o que virá, que Brasília, que Brasil, que mundo os pesquisadores estão construindo em suas bancadas, seus computadores, seus trabalhos de campo e em suas salas de aula.

Para isso, nossa equipe desbravou os quatro campi, mas foi muito além deles e encontrou uma Universidade de Brasília que existe bem para lá das quatro linhas do quadrilátero do Distrito Federal. Nossos repórteres acharam e acompanharam projetos da universidade em seis estados, tanto da área científica quanto cultural.

Assinada pelo talentosíssimo João Paulo Vicente, as reportagens que começam na página 27 mostram trabalhos da UnB realizados por todo Brasil. Uma delas trata de pesquisa feita pelo Centro Interdisciplinar de

Estudos em Transportes (Ceftru) em 29 portos brasileiros para avaliar a qualidade ambiental das regiões portuárias. João, 25 anos, formado na UnB, dono de responsabilidade espartana – daqueles que chega cedo e sai tarde da redação – não se contentou em ouvir análise dos especialistas. Viajou até Itajaí, em Santa Catarina, e junto com a fotógrafa Emília Silberstein, registrou o cotidiano do porto melhor avaliado pelo estudo.

Também inquieta, Thaís Antonio, 29 anos, foi a cinco cidades em três estados, Acre, São Paulo e Paraíba para cobrir as formaturas dos estudantes do Ensino a Distância. Voltou para Brasília impressionada com o impacto que a Universidade provoca no destino de pessoas que jamais teriam acesso a cursos de graduação numa instituição pública.

Outra que se emocionou durante os trabalhos de apuração foi a estreade Daniela Gonçalves, 22 anos. Ela visitou seis projetos de extensão tocados por professores e estudantes da Universidade. Um deles, o de dança para portadores de deficiência, provoca arrepios só de olhar as fotos.

Esses são apenas alguns dos exemplos desta edição especial da DARCY. O leitor vai conhecer também depoimentos de ex-alunos que saíram do campus para o sucesso profissional nas mais diversas áreas do conhecimento, poderá rememorar alguns dos episódios mais significativos da universidade e se deliciará com o texto de Naiara Leão sobre o ICC, Instituto Central de Ciências, prédio desenhado por Oscar Niemeyer e carinhosamente chamado de Minhocão pela comunidade da UnB.

Aqui estão 68 páginas de matérias e artigos planejados para comemorar a realidade da universidade que Darcy Ribeiro sonhou ser uma usina de futuros. Para nós, de DARCY, é uma honra trabalhar aqui e editar o décimo número da revista no mês do cinquentenário da Universidade de Brasília. Para nós, a UnB não é uma senhora de meio século. Ela é uma menina cheia de promessas com apenas cinco décadas. Boa leitura e parabéns a toda comunidade UnB.

Ana Beatriz Magno e Érica Montenegro

Comentários para os editores: biamagno@unb.br e ericam@unb.br

DARCY

REVISTA DE JORNALISMO
CIENTÍFICO E CULTURAL
DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Universidade de Brasília

Reitor

José Geraldo de Sousa Junior

Vice-Reitor

João Batista de Sousa

Conselho Editorial

Presidente

Professor do Departamento de Biologia Celular
Ex-Decano de Pesquisa e Pós-graduação

Coordenador do Conselho Editorial

Luiz Gonzaga Motta

Professor da Faculdade de Comunicação

Ana Beatriz Magno

Editora-chefe da Revista Darcy

Antônio Teixeira

Professor da Faculdade de Medicina

David Renault

Diretor da Faculdade de Comunicação

Denise Bomtempo Birche de Carvalho

Decana de Pesquisa e Pós-graduação

Elimar Pinheiro do Nascimento

Professor do Centro de Desenvolvimento Sustentável

da UnB

Estevão C. de Rezende Martins

Professor do Instituto de Ciências Humanas

Gustavo Lins Ribeiro

Professor do Instituto de Ciências Sociais

Leonardo Echeverria

Chefe da Reportagem da UnB Agência

Luis Afonso Bermúdez

Diretor do Centro de Apoio ao Desenvolvimento

Tecnológico da UnB

Marco A. Amato

Professor do Instituto de Física

Noraí Romeu Rocco

Professor do Departamento de Matemática

EXPEDIENTE

Editores

Ana Beatriz Magno, Érica Montenegro e José Negreiros

Reportagem

Daniela Gonçalves, João Paulo Vicente, Thais Antonio,
Mariana Vieira (estagiária)

Colaboradores

Aldo Paviani, Carlos de Lannoy, Hamilton de Holanda,
Henrique Malvar, Isaac Roitman, José Geraldo de
Sousa Junior, Paulo Hoff (colunas); Adriana Caitano
e Naiara Leão (texto); Bruno Terra, Cecília Bona,
Coletivo Grande Circular e Pablo Alejandro (arte)

Editor de Arte

Apoena Pinheiro

Design

Apoena Pinheiro e Miguel Vilela

Fotografia

Alexandra Martins, Edu Lanton, Emilia Silberstein,
Luiz Filipe Barcelos, Mariana Costa

Relações Públicas

Iêda Campos

Revisão

Christiana Ervilha

Revista DARC Y

Telefones: 61 3107-0214

E-mail: revistadarcy@unb.br

www.revistadarcy.unb.br

Campus Universitário Darcy Ribeiro

Secretaria de Comunicação

Prédio da Reitoria, 2º andar, sala B2-21

70910-900 Brasília-DF Brasil

Foto da capa: UnB Agência

Impressão: Gráfica Suprir

Tiragem: 25 mil exemplares

03 CARTA DOS EDITORES

Equipe DARC Y viajou o Brasil para mostrar a juventude aos 50

06 DIÁLOGOS

José Geraldo e Isaac Roitman falam sobre o cinquentenário

08 CARA DARC Y

Leitores testam a receita do bolo azul e relembram edições passadas

10 ARQUEOLOGIA DE UMA IDEIA

De onde veio essa história de Universidade

16 O QUE EU CRIEI

Em números, apresentamos o que a UnB produziu na última década

50 UNIVERSIDADE ABERTA

Cursos a distância disseminam o conhecimento acadêmico

54 LINHA DO TEMPO

Os principais acontecimentos das últimas cinco décadas

60 ENSAIO

Fotos dos leitores revelam múltiplos ângulos do campus

EU ME LEMBRO ESPECIAL

Alunos célebres e professor emérito escrevem sobre suas memórias

26 Paulo Hoff e Hamilton de Holanda

40 Carlos de Lannoy e Henrique Malvar

66 Aldo Paviani



Cedoc/UnB

20

MINHOCÃO

Um passeio pelo prédio que é a alma da Universidade



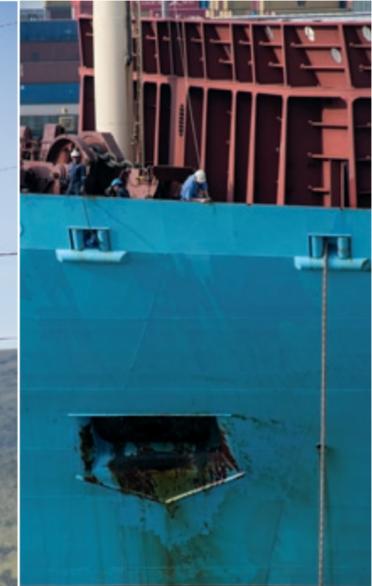
Cedoc/UnB

12

PERFIL

Anísio Teixeira: idealizador de uma nova educação

Fotos: Emilia Silberstein/UnB Agência



28 O resgate de uma língua no Pará

32 Aulas na Chapada dos Veadeiros

36 A saúde do porto de Itajaí

27 UnB Transformadora

41 UnB Necessária

42 Aulas de dança para bailarinos especiais

44 Francês e música em Brazlândia

46 Coral para pacientes com Alzheimer

48 Lições de saúde contra o diabetes

Fotos: Mariana Costa, Emilia Silberstein e Edu Lanton/UnB Agência



DA UNIVERSIDADE NECESSÁRIA À UNIVERSIDADE EMANCIPATÓRIA

José Geraldo de Sousa Junior *

A Universidade de Brasília foi concebida como uma universidade necessária, pensada por Darcy Ribeiro, em seu projeto, como uma instituição que pudesse se vincular à nação, para cumprir funções que contribuíssem para o desenvolvimento do país e para atribuir ao caráter do saber acadêmico a condição de responder a desafios emergentes das expectativas de renovação social.

A linha condutora dessa concepção universitária, presente no projeto dos inconfindentes e refinada no manifesto dos pioneiros da Educação Nova (1932), pavimentou o itinerário valorativo do horizonte universitário no Brasil, até que este pudesse, como vislumbrou Anísio Teixeira, “perceber que a Universidade de Brasília deverá transformar-se no primeiro marco da integração universitária no Brasil” (1962).

Apesar de interrupções, algumas dramáticas como relata Roberto Salmeron, esse projeto generoso permaneceu como horizonte para orientar a obstinada retomada do percurso histórico da UnB. E é notável constatar, nesse trânsito, que ela jamais se deixou alienar socialmente, nem por elitismo, nem por corporativismo, nem por incapacidade paralisante de se interrogar e de questionar as condições de produção de conhecimento e de manter atenção aos interrogantes sociais acerca de seu papel.

Nenhuma ameaça, sejam as que se formam para reduzir a sua fundamental necessidade de exercitar o autogoverno; sejam as que, num quadro de hierarquização do social, agravam as diferenciações injustas que as exclusões produzem, em injustiças cognitivas que se manifestam como recusa de reconhecimento ao que comunidades epistêmicas amplas possam trazer desde outros âmbitos, para dialogar com os saberes que devem circular livremente em seus espaços acadêmicos.

Somente uma universidade pública, que se constitua como um bem social, que se ligue a um projeto nacional, pode afrontar essas ameaças e se fazer reconhecer como necessária e apta a instalar espaços republicanos para o conhecimento crítico, solidário e emancipatório.

No Brasil, contra essas ameaças, entre elas as que se configuraram na voragem coisificante do processo neoliberal, local e global, a nossa Constituição findou por definir a educação como bem público, salvaguardado por diretrizes emanadas do próprio Estado que devem ser implementadas, conforme plano nacional aprovado pelo Congresso.

Essa definição de nítida densidade política representa, na história social de nosso país, a preservação de princípios estabelecidos até de forma cruenta contra pretensões bem antagonicas, de acordo com os quais a nossa sociedade reconhece a existência de bens públicos (como saúde, educação, segurança etc.) e de interesses estratégicos (água, telecomunicações, transporte etc.), que devem seguir parâmetros de limitação legítima à sua disponibilização ao lucro privado.

São bens e interesses, lembra Boaventura de Sousa Santos, que chamam a atenção para a demanda atual e crescente de políticas capazes de partilhar o seguinte ideal: são as pessoas o denominador comum dos valores e elas próprias devem ser o valor mais alto numa sociedade justa e igualitária.

Essas políticas apelam ao sentido da responsabilidade coletiva, na organização do social em oposição às pretensões neoliberais de individualização dos interesses. Trata-se, mostra Sousa Santos, de pensar a redistribuição social, inclusive no campo do conhecimento, de modo a não confundirmos, diz ele, “o mercado das mercadorias (dos valores que têm preço e se compram e se vendem) do mercado das convicções (das opções e dos valores políticos que, não tendo preço, não se compram, nem se vendem)”.

Esses são os princípios adotados por nossa Constituição e conferidos à construção do nosso projeto de educação e de universidade. São eles que estão na base da concepção da UnB, a “universidade necessária” denominada por Darcy Ribeiro e são esses também os valores que estão na base do debate democrático que a UnB cinquentenária trava hoje, para se fazer também solidária, comprometida com um conhecimento não diletante, ao contrário, fundado na responsabilidade coletiva de sua produção e na convicção de uma ética de redistribuição, que inclua e emancipe.

UM SONHO POSSÍVEL

Isaac Roitman **

Hoje eu tive um sonho que me transportou para o ano 2030. Antes do sonho se refugiar em neurrônios pouco acessíveis, passei a registrá-lo no papel. Nele eu estava lendo um relatório que não ficou muito claro se era da UNESCO, do MEC ou do Conselho Universitário da Universidade de Brasília (UnB). Não importa a origem do relatório. O importante é o seu conteúdo que transcrevo abaixo:

“Nesse relatório foram destacadas as ações e os principais resultados das iniciativas que foram introduzidas na UnB nos últimos 20 anos. A conquista da autonomia plena, vencendo a batalha contra a exuberância burocrática, o individualismo da carreira-solo são motivos de júbilo. A responsabilidade social tornou-se um dos eixos da universidade. A capacitação de recursos humanos, em sincronia com o projeto de nação, foram avanços imprescindíveis para a legitimidade e para a melhoria da qualidade de seus cursos de graduação e pós-graduação. A altíssima qualidade da pesquisa e uma extensão de impacto recolocaram a UnB na posição de vanguarda. O salto de qualidade de seus cursos foi consequência do desenvolvimento e estímulo de ousadas experiências pedagógicas que ocorreram nas últimas décadas.

Uma importante transformação no cotidiano acadêmico foi adicionar aos três pilares tradicionais – Ensino, Pesquisa e Extensão – um quarto pilar que é a cultura que tem um papel fundamental na direção do aprimoramento comportamental e espiritual e na inclusão social. No seu majestoso campus Darcy Ribeiro e nos outros campi distribuídos na maioria das cidades satélites ocorrem diariamente eventos culturais e científicos que foram apropriados pela comunidade acadêmica e pela sociedade do

Distrito Federal, sobretudo por crianças e adolescentes. Da mesma forma que o muro de Berlim, o muro que separava a Universidade da Sociedade foi sendo demolido tornando os campi um habitat cotidiano para todos.

Um grande salto ocorrido a partir da segunda década do século XXI foi a criação do Decanato de Pré-Graduação. Essa inovação proporcionou ao longo dos últimos anos um verdadeiro salto de qualidade na educação básica brasileira. Esse Decanato colocou como prioridade a formação primorosa de professores do ensino básico, instrumentalizando-os para serem sistematizadores do conhecimento, estimuladores da curiosidade, usuários e protagonistas do pensamento científico, identificadores e mediadores de conflitos, a serviço da formação adequada de crianças e jovens do século XXI. Em adição, esse Decanato criou instrumentos de protagonismo permanente entre o ensino superior e o ensino básico na conquista de sua qualidade plena. Além disso, recriou o CIEM (Centro Integrado do Ensino Médio) que teve vida curta (1964 até 1971) deixando, porém, um legado importante. O novo CIEM tornou-se um paradigma para os colégios de aplicação ligados às universidades e foi o cenário de vitoriosas experiências pedagógicas responsáveis pelo salto de qualidade do ensino básico brasileiro. Decanatos de Pré-Graduação foram criados em outras Universidades públicas, inspirados pela iniciativa pioneira.”

No sonho, a UnB reabilitou os anseios de seus fundadores, alimentando a nossa esperança por um Brasil melhor. É pertinente aqui lembrar a reflexão de Augusto dos Anjos: “A esperança não murcha, ela não cansa, também como ela não sucumbe à crença. Vão-se os sonhos nas asas da descrença, voltam sonhos nas asas da esperança”.

* Doutor em Ciências do Direito, professor e reitor da Universidade de Brasília

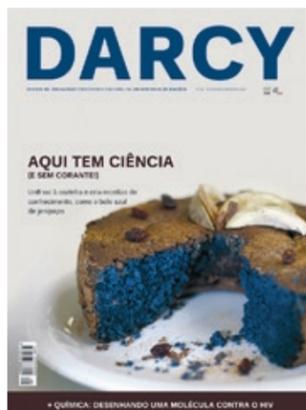
** Professor aposentado da UnB, membro titular da Academia Brasileira de Ciências e Presidente do Conselho Editorial da DARC



Daiane Souza/UnB Agência

Prezado(a) leitor(a),

DARCY informa e inspira. Recebemos um e-mail do calouro de engenharia mecatrônica Julio Souza (leia abaixo) com um anexo inesperado. Depois de ler a matéria *O que você quer esquecer?*, publicada na 8ª edição, ele escreveu um conto sobre como foi o 11 de setembro de 2001 dele. Ficou curioso? Em agradecimento ao Julio, vamos publicar o conto no blog da DARCY (www.revistadarcy.unb.br). Nesse último mês, também criamos a nossa página no facebook. O endereço é www.facebook.com/revistadarcy. Apareça por lá para curtir a DARCY. Também estamos no Twitter, no endereço twitter.com/revistadarcy. Nas redes sociais, você encontra novidades sobre as próximas edições e comentários da equipe sobre notícias de ciência, cultura e tecnologia. À do lado, a prova de que a passagem do tempo melhora as coisas. Na ação de divulgação do primeiro número da revista, dois atores se fantasiaram de Darcy Ribeiro e Charles Darwin. Você consegue adivinhar quem é quem? Agora que chegamos à décima edição, prometemos não fantasiar mais ninguém.



Fale conosco

Telefone: 61 3107-0214
E-mail: revistadarcy@unb.br

Campus Universitário Darcy Ribeiro
Secretaria de Comunicação
Prédio da Reitoria, 2º andar, sala B2 – 21
70910-900 Brasília-DF Brasil

VISUAL

Não sei exatamente como tratar vocês. Na minha concepção artística, são como pinturas em papéis, daquelas pinceladas a dedo que transformam o branco em qualquer coisa criativa. Não é puxa-saquismo da minha parte, mas deixei a minha imaginação fluir. No mais, quero parabenizar pela realização da revista. Gostei demais da parte visual da edição, à altura das matérias bem elaboradas sobre o cérebro. Meus parabéns. Sou calouro de Engenharia Mecatrônica e estou chegando agora à Brasília. Mesmo assim, gosto de me antenar nas discussões de outras áreas, principalmente quando é uma leitura prazerosa.

Julio Sousa, aluno de engenharia mecatrônica, Brasília - DF

CIDADE

Parabéns a todos que participam e ajudam a criar a revista DARCY. Apaixonada que sou por Brasília, gosto muito das matérias sobre a cidade e tantos outros assuntos. Continuem assim, a revista só tende a crescer.

Márcia Dias, aluna de engenharia florestal, Brasília – DF

SUGESTÃO

Gostaria muito de ver a revista DARCY tratando de uma outra grande obra do Fundador da UnB, as Escolas em Tempo Integral (Cieps). Esse é outro legado do grande cientista social. Tenho certeza que vários (as) professores (as) da Faculdade de Educação teriam interesse em tratar do assunto. Sou estudante do Departamento de Sociologia, tenho muito interesse no tema, porém é muito rara a lembrança desse outro projeto de Darcy Ribeiro.

Bruno Borges, aluno de sociologia, Brasília- DF

Resposta: *Obrigado pela sugestão. Para satisfazer um pouco da sua curiosidade, leia o perfil de Anísio Teixeira nesta edição. O educador que divide com DARCY a autoria do projeto UnB também é um dos idealizadores da escola completa.*

EU CONHEÇO DARCY

Para apurar a matéria sobre os índios Asurini, o repórter João Paulo Vicente e a fotógrafa Emília Silberstein viajaram até Tucuçuí, no interior do Pará. Junto com eles, na bagagem do pequeno avião turbopropulsor, foi uma caixa com mais de cem revistas para serem distribuídas entre os indígenas. Eles adoraram. Quem pegava um exemplar botava de baixo de braço e não largava mais. Na capa da 9ª edição, o bolo de jenipapo mostrava uma alternativa para a fruta geralmente usada nas pinturas corporais.

BOLO AZUL

Fiquei muito curiosa com a receita do bolo azul, da edição nº 9, e como tinha jenipapo congelado no freezer, resolvi fazê-lo imediatamente. Tendo todos os ingredientes, fiz o bolo, mas ficou branco. Então, percebi que não tinha colocado a canela. Achei que, talvez, o problema fosse pela falta do ingrediente. Hoje encontrei o jenipapo na quadra, bem maduro, coloquei tudo certinho e ficou branco de novo. Seguí a receita e nada aconteceu. Vocês podem me explicar o que é estou fazendo de errado?

Odete Guerra, artesã, Brasília - DF

Resposta: *Odete, a professora Raquel Botelho, do Departamento de Nutrição, explica que o bolo só fica azul quando o jenipapo está verde. Como você, a Mariana, repórter da DARCY e confeitaria nas horas vagas, fez com jenipapo maduro e o bolo também ficou branco. Sugerimos que tente mais uma vez e pedimos que nos conte o resultado.*

BEM FEITA

Gostaria de parabenizar os editores e equipe pela revista DARCY. Acabei de ler a edição nº 9 que está cheia de matérias bem feitas e muito informativas. Gostaria de saber como é feita a distribuição da revista?

Lula Lopes, fotógrafo, Brasília-DF

Resposta: *Olá, Lula. A DARCY é distribuída gratuitamente nos quatro campi da UnB, também enviamos revistas para os professores das escolas públicas e particulares de ensino médio do DF. E quem, como você, têm a carta publicada nesta sessão, entra para o mailing DARCY e passa a recebê-la em casa. Então, pode esperar que a próxima vai chegar aí.*



Emília Silberstein/UnB Agência

BELGA

Leio a revista DARCY desde o primeiro número e tenho todas as edições que saíram. Acho que a revista é uma ótima publicação e sempre aborda diversos temas de maneira clara e interessante. Como sou da área artística, gostei da ideia de terem focado no trabalho do Eduardo Belga na edição nº 6.

Netinho Maia, professor e tutor de ensino a distância pela UAB/UnB, Taguatinga - DF

REFERÊNCIA

Para mim a revista DARCY é uma referência prática do que anda acontecendo na comunidade acadêmica e também um orgulho como estudante da UnB.

João Vitor Cardoso Soares Cantarelli, aluno de engenharia mecânica, Brasília - DF

GENIAL

Adorei a edição sobre o funcionamento do cérebro e a pesquisa sobre a produção de tinta de impressão a partir de óleo de fritura.

Diego Azambuja

ENTUSIASMO

Tenho à minha frente o exemplar de DARCY de dezembro/2011 no qual li o editorial intitulado Entusiasmo e Prazer. Achei-o muito interessante; a propósito, como andam o Steve e o Jobs? Mais do que isso: o editorial fez-me tecer uma teia com o trabalho que desenvolvemos como grupo de pesquisa independente sediado na UnB sobre o professor universitário entusiasmado. "Existe?", perguntam-nos. Afirmamos categoricamente: sim! E está presente em algumas poucas salas de aula tanto da UnB como de muitas outras IES espalhadas Brasil e mundo afora.

José Florêncio Rodrigues Júnior, professor aposentado da Faculdade de Educação, Brasília - DF

Resposta: *Professor, depois que os filhotes nasceram, Steve e Jobs nos abandonaram. Deixaram saudades e inspiração. Parabéns pelo seu trabalho e obrigado pelo incentivo.*

A UNIVERSIDADE

A ideia de criar uma instituição exclusiva para o estudo e desenvolvimento científico passou por muitas modificações até ser o que conhecemos hoje

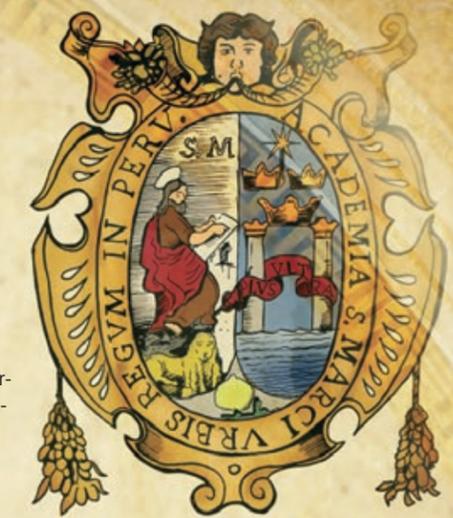
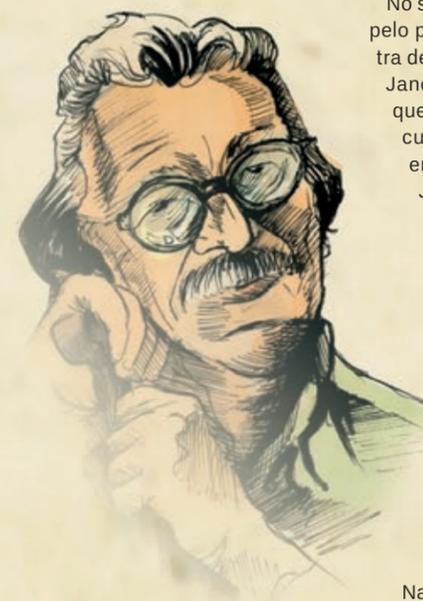
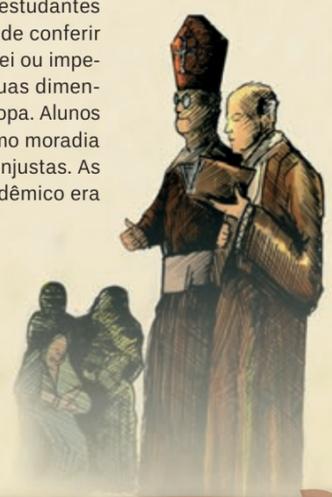
Mariana Vieira Repórter · Revista DARCY

ACADEMIA

A escola filosófica fundada por Platão (428 a.C. - 347 a.C.) em Atenas no ano de 387 a.C. ficou conhecida como Academia porque ficava nos jardins do ginásio dedicado ao herói Academos (daí o nome "Academia"), fora das muralhas da cidade. Em 86 a.C., o edifício foi destruído durante a invasão de Atenas por Sila. Apesar disso, a escola permaneceu em atividade até 529 d.C., data do seu encerramento forçado pelo imperador Justiniano. Após a conversão ao cristianismo do povo romano, as instituições de ensino foram vinculadas à religião.

ESTÚDIO

Na Europa, durante o período feudal (séc. IX – XV), existiram os chamados studia generalia, lugares frequentados por estudantes de diferentes origens. Para ter o direito de ensinar ou de conferir graus, os studia precisavam de uma licença do Papa, rei ou imperador. A influência de algumas escolas extrapolava suas dimensões locais, atraindo estudantes de várias partes da Europa. Alunos e professores tinham privilégios e imunidades, tais como moradia em endereços mais seguros e proteção contra prisões injustas. As regalias disseminaram a ideia de que o ambiente acadêmico era elitista e excludente.



FACULDADE

Na recém-descoberta América foi reproduzido o modelo europeu do século X. A primeira universidade fundada na América foi a Universidade Nacional Maior de São Marcos, na capital do Peru em 1551. O Brasil teria de esperar 257 anos para ter a sua primeira faculdade. Apenas com a transferência da corte portuguesa para o Brasil uma instituição de ensino superior foi aberta no território nacional. A Fameb (Faculdade de Medicina da Bahia) foi fundada em 1808 por Dom João VI logo depois do desembarque em Salvador.

UNIVERSIDADE

No século XIX começaram a funcionar outras faculdades pelo país: duas de Direito (São Paulo e Pernambuco), outra de Medicina (Rio de Janeiro) e uma Politécnica (Rio de Janeiro). Em 1909, foi criada a Escola Livre de Manaus, que já tinha a concepção de universidade ao reunir cinco cursos numa mesma instituição. Poucos anos depois, em 1920, foi fundada a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), seguida pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 1927, e a Universidade de São Paulo (USP), em 1934.

UnB

A UnB foi inaugurada em 1962 num contexto especial. Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira enxergaram na nova capital a possibilidade de criar um modelo inédito de ensino, que privilegiasse a pesquisa e o diálogo entre os diversos campos do saber. Para tanto, a proposta era que os universitários fizessem um bacharelado interdisciplinar (BI). Na primeira etapa, cursavam matérias de várias áreas e desenvolviam o pensamento crítico, autônomo e amplo. Em seguida, aprofundavam os estudos em suas áreas profissionais. Hoje, o modelo sobrevive no currículo que se divide entre obrigatórias e optativas.



Lista das 10 mais antigas

As instituições abaixo são aquelas que foram fundadas num sentido mais próximo às da época moderna e se mantêm ativas

Universidade da Bolonha, Itália	1088	Universidade de Paris, França	1170	Universidade de Cambridge, Inglaterra	1209	Universidade de Salamanca, Espanha	1218	Universidade de Coimbra, Portugal	1290
Universidade de Oxford, Inglaterra	1096	Universidade de Modena, Itália	1175	Universidade de Pádua, Itália	1222	Universidade de Nápoles, Itália	1224	Universidade de Praga, República Tcheca	1348



O EDUCADOR REVOLUCIONÁRIO

Anísio Teixeira divide com Darcy Ribeiro a invenção da UnB. Antes disso, democratizou as escolas públicas, incentivou a interdisciplinaridade e a pesquisa científica no Brasil

Adriana Caitano

Especial para Revista Darcy

Em 1920, um rapaz franzino e de poucas palavras que estava prestes a completar 20 anos decidiu seu futuro com a mesma certeza cambaleante que acomete qualquer jovem nesse momento da vida. Convencido de que seu “superlativo acanhamento” e sua “falta de verdadeiro gosto pelos estudos” o “anulariam na vida pública” e o impediriam de seguir qualquer área intelectual, mesmo a do Direito, que cursava na Universidade do Rio de Janeiro (atual UFRJ), ele resolveu ser jesuíta.

Para o garoto sertanejo de Caetité (BA), filho de pai político e mãe de família tradicional, nada mais lhe restaria na vida, que seria “difícil e triste” caso não seguisse a missão religiosa. Por sorte, em resposta à dramática e decidida carta do filho, Anna Spínola Teixeira foi firme e rebateu um a um os argumentos. Além de apelar para o sentimento, pedindo que ele não se afastasse, a mãe lembrou-lhe que suas notas provavam o contrário do que dizia e citou um de seus tios que, mesmo tímido, chegou a ser presidente de um Tribunal de Justiça. “Veja que não são os oradores que fazem carreira”, destacou. “Você diz também que tem negação para qualquer outro estado, que dado o caso de viver no mundo, tornaria-lhe a vida difícil e triste (sic). Disto você não pode saber, porque ainda está muito menino!”

Anísio Spínola Teixeira ouviu a mãe. Não precisou ser orador, extrovertido ou religioso para marcar seu nome na história do país. Ao contrário, chegou a ser perseguido pela Igreja por seus pensamentos libertadores e manteve por toda a vida a introversão em público, destacada pelo escritor e ex-senador Artur da Távola: “Pode a inteligência excepcional, em homem dominado pela razão, gerar um sentimento de igual medida, poderoso e atuante, embora enrustido e disfarçado? Este foi um dos enigmas de Anísio Teixeira”.

Aos 24 anos, já formado em Direito, Anísio foi convidado para ocupar o cargo correspondente ao de secretário de educação da Bahia pelo governador Góes Calmon. A nova responsabilidade abriu os olhos do jovem para sua verdadeira vocação. Em 1927, após uma temporada nos Estados Unidos em que conheceu os conceitos pragmáticos do filósofo americano John Dewey, que inspirariam suas ideias dali para a frente, voltou a escrever para os pais, transmitindo-lhes sua nova e definitiva decisão.

“Hoje, por gosto e pela orientação que têm os meus estudos, pretendo não me afastar mais do campo da educação onde comecei a minha vida”, assegurou. “Nenhum trabalho poderia me apaixonar que fosse mais vasto ou

mais necessário do que este. E, sobretudo irredutivelmente idealista como me parece que sou, nenhum outro me será tão querido ao coração e à inteligência.”

Após quatro anos à frente da secretaria baiana, Anísio deixou o governo e ingressou no Mestrado em Educação da Universidade de Columbia, em Nova Iorque (EUA), onde foi aluno de Dewey. Na mesma viagem, conheceu o escritor Monteiro Lobato, com quem manteve profundos laços. Em carta a um amigo, Lobato exaltou o baiano: “É a inteligência mais brilhante e o maior coração que já encontrei nestes últimos anos de minha vida”.

No início dos anos 30, enquanto o Brasil via uma revolução política dar fim à República Velha e levar Getúlio Vargas ao poder, Anísio Teixeira voltava ao Rio de Janeiro, capital do país na época, para iniciar sua revolução educacional. Uma de suas atitudes mais significativas foi assinar, junto de outros 25 intelectuais, o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, que pregava a renovação do ensino básico público, laico e obrigatório a todos os brasileiros.

O advogado e educador também ganhou poder para colocar em prática o que defendia, ao assumir a diretoria da Instrução Pública

do Rio de Janeiro, Distrito Federal. No cargo, Anísio percebeu a defasagem não só da qualidade das escolas, mas também da quantidade de instituições, que não era suficiente para atender a todas as crianças da cidade.

No livro Diploma de Brancura, publicado em 2006 sobre a educação brasileira, o historiador e professor da Universidade da Carolina do Norte (EUA) Jerry Dávila conta que, quando Anísio iniciou a reforma do ensino na capital do país à época, cerca de um terço das crianças entre seis e doze anos não ia à escola por falta de vaga. O educador baiano, então, providenciou a construção de 29 escolas públicas mesmo em bairros nobres, que passaram a receber alunos de regiões pobres.

A elitização da escola e, por consequência, da sociedade, incomodava o educador baiano. “As nossas escolas são fábricas de diplomas, distribuídos à base de propinas, a uma mocidade inculta”, recriminou, em discurso. “Raro é aquele que se destaca na vida pública, em consequência do seu saber. Daí a necessida-



Fotos: Arquivo/http://historiadaciencia.blogspot.com.br

Abraço fraterno: Anísio Teixeira, ladeado por Gilberto Freyre (esquerda) e Jorge Amado (direita)



Reconhecimento internacional: acompanhado da esposa, Emília Teixeira, recebe medalha do então reitor da Columbia University

de urgente e inadiável de reestruturarmos o ensino nacional, em bases amplas, profundas e, sobretudo, honestas.”

Segundo a professora da Faculdade de Educação da UnB Eva Waisros, também pesquisadora do trabalho de Anísio, ele acreditava que todas as transformações deveriam ser conduzidas pelo poder público. “O que tínhamos no Brasil era a educação para uma minoria e a escola pública voltada para uma sociedade agrária”, comenta. “Isso, segundo a perspectiva dele, não atendia mais à necessidade de formar um homem para a sociedade moderna e tecnológica que havia surgido.”

Além de gratuita e acessível, a escola concebida por Anísio Teixeira deveria ainda educar o aluno em todos os sentidos, além da alfabetização, exercendo em parte o papel que até então era dos pais. “Desejamos que a escola eduque, forme hábitos, forme atitudes, cultive inspirações, prepare realmente a criança para a sua civilização”, afirmou, em um de seus livros.

Foi no Rio de Janeiro que o então diretor da Instrução Pública tentou implantar as raízes da inovadora educação integral. Para aproveitar os espaços e atender aos dois aspectos

Ilustrações: Bruno Terra



“Se eu quiser ensinar uma criança a ser boa, não há meio de fazê-la praticar bondade e ter as satisfações que o exercício da bondade pode trazer sem que, na escola, haja condições reais que desenvolvam o sentimento da bondade.”

educacionais – as aulas em si e os ensinamentos sociais – Anísio Teixeira alinhou as escolas-classe às escolas-parque. As crianças aprenderiam as disciplinas básicas num turno, no prédio comum, e teriam acesso ao conhecimento complementar de música, arte e cidadania no outro, num ambiente maior e mais bem preparado para atender a alunos de até quatro escolas diferentes.

Com as dificuldades administrativas que encontrou pelo caminho, no entanto, Anísio não chegou a concretizar seus planos no Rio. Diversas escolas-classe, de ensino básico, foram de fato reformadas ou construídas, mas as estruturas idealizadas para ampliar a vivência das crianças no período contrário não chegaram a ser edificadas.

A criação da Universidade do Distrito Federal (UDF), que tinha entre os docentes figuras de peso, como o compositor Heitor Villa-Lobos, o artista plástico Cândido Portinari e o sociólogo Gilberto Freyre, compenhou a frustração de, naquele momento, não ter realizado as escolas-parque.

No discurso de inauguração da UDF, em 1935, Anísio Teixeira destacou a importância de uma instituição superior para disseminar a cultura e evitar o isolamento intelectual. “Essa inquietação de compreender e de aplicar encontrou afinal a sua casa. A casa onde se acolhe toda a nossa sede de saber e toda a nossa sede de melhorar, é a universidade”, disse. “São as Universidades que fazem, hoje, com efeito, a vida marchar. Nada as substitui. Nada as dispensa. Nenhuma outra instituição é tão assombrosamente útil.”

Com a criação de uma universidade voltada para a pesquisa e a difusão do conhecimento, Anísio deu um golpe certo naqueles que já se incomodavam com suas ideias progressistas. Desde então, passou a ser duramente

perseguido pelo regime ditatorial de Getúlio Vargas e pela Igreja, que o acusava de comunista. Sob pressão, o educador pediu demissão do cargo no Rio de Janeiro em 1936, e exilou-se em sua terra natal, na Bahia.

A voz do tímido Anísio Teixeira voltou a se calar publicamente. Durante mais de uma década, ele se afastou de atividades políticas e sociais, dedicando-se à exploração de manganês e à tradução de livros. No período, usou as cartas para quebrar, ao menos em parte, o silêncio que foi obrigado a adotar. Numa das correspondências dirigidas a Monteiro Lobato, declara a amizade que os dois mantinham e relata sua vida serena na fazenda em que se abrigou, traduzindo textos e vendendo lenha. “No fundo deste sertão, o silêncio e o deserto nos tornam humildes e pequenos. Ainda hoje – estou só, absolutamente só, há quatro semanas, em uma deserta fazenda - eu andei por veredas sem fim a não ouvir outro ruído senão os de pássaros.”

O hábito que manteve por toda a vida de escrever longas cartas a amigos e familiares possibilita a revelação de um Anísio Teixeira sensível, desenvolto, que suas expressões e convívios diários não podiam demonstrar. Anos antes, quando estava noivo de Emilia Ferreira, com quem se casou em 1932 e teve quatro filhos, declarou-se à amada com um romantismo inspirador.

Ele, que se dizia “complicado, difícil e incerto”, pedia à jovem que se tornaria sua esposa para ensinar-lhe a ser tão bom quanto ela. “Eu lhe procuro, como quem procura um pouco de sombra onde se abrigar. E, nessa sombra, eu quero aprender a minha filosofia de vida, a ser mais simples, mais humilde, mais natural e mais contente”, declarava-se. “Quer, pois, você, minha querida, ser a professora de alegria e de contentamento e de paz, para a mi-

nha vida? O nosso amor há de ser qualquer coisa de maior e de melhor. Ajude-me, pois a construí-lo. Com o seu auxílio, ele há de ser tão alto, tão sólido, tão humano e tão bom que irá para além do nosso sonho”.

Com o fim do regime ditatorial de Getúlio Vargas, Anísio Teixeira voltou à vida pública após um convite para ser conselheiro da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em Londres e Paris, por um ano. Ao voltar para o Brasil, tornou-se novamente secretário de Educação e Saúde da Bahia em 1947.

Nesse período, seu maior feito foi a criação do Centro Educacional Carneiro Ribeiro, em Salvador, onde pôde implantar de fato sua primeira escola parque integral. Os alunos estudavam em quatro escolas-classe de ensino básico num período. No outro, iam para a escola-parque, na mesma área física, para as aulas de música, teatro, educação física, trabalhos manuais e artes visuais. A estrutura da Carneiro Ribeiro foi reconhecida pela Unesco como modelo internacional, difundido em diversos países.

Após ver realizado na Bahia um de seus antigos ideais, Anísio deu novos passos em direção às mudanças que pretendia fazer no sistema de ensino do país. Em 1951, voltou ao Rio de Janeiro para assumir o órgão que ele mesmo transformou na Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), destinada à pesquisa científica. Pouco depois, acumulou ao cargo o de diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), que hoje leva seu nome.

Mas o Brasil pré-ditadura não parecia pronto para receber as inovações do baiano que queria transformar a educação. Como comenta Artur da Távola, “a vida de Anísio foi a vida complexa de um homem capaz de sentir e conhecer o seu tempo, porém pensar adiante dele”. E mais uma vez o conservadorismo tentou atingi-lo.

Em uma carta dirigida ao então presidente da República, Juscelino Kubistchek, os bispos da Província Eclesiástica de Porto Alegre acusavam Anísio Teixeira de tentar implantar o socialismo no Brasil e pediam uma providência de JK para as “gravíssimas consequências que, com repercussão sobre toda a vida nacio-

nal”. Com o protesto de diversos intelectuais e artistas brasileiros, o aparente pedido para que Anísio fosse demitido não se cumpriu. O educador permaneceu no cargo até 1964, quando o regime militar encerrou de vez sua atividade transformadora.

Ainda durante o governo de JK e à frente do Inep, no início dos anos 60, Anísio foi convidado a participar, ao lado de Darcy Ribeiro e Cyro dos Anjos, da concepção do sistema educacional de Brasília, que serviria de modelo para todo o país. Anísio importou para a nova capital o plano para a educação básica idealizado para Salvador, quando foi secretário de educação.

Para viabilizar seu modelo, o educador teve que interferir no plano urbanístico da cidade, de responsabilidade de Lucio Costa. Assim, para cada quatro superquadras em que havia escolas-classe, seria construída uma escola parque. “Ele dizia que essa proposta foi a culminância de seu trabalho”, afirma a professora Eva Waisros, que organizou o livro *Nas Asas de Brasília: Memórias de uma Utopia Educativa*, sobre o primeiro plano educacional da capital. “Seria uma escola democrática de qualidade para todos, que desenvolveria o senso crítico dos alunos”.

No mesmo plano educacional, havia a ideia de se criar uma universidade tão moderna quanto os traços que desenhariam os monumentos da capital e que serviria de exemplo para toda a América Latina – a Universidade de Brasília. “A nova capital teria que ter uma universidade e o Anísio viu na proposta de Darcy uma expressão avançada para comunicar com seus objetivos e pensamentos sobre estrutura de integração, que fosse capaz de lidar com a universidade e que pudesse agregar o sentido de articulação interdisciplinar, interinstitutos e interfaculdades, e acabou abraçando a causa”, comenta o atual reitor da UnB, José Geraldo de Sousa Junior.

As resistências para a criação de uma universidade tão aberta vieram de todas as partes. Religiosos como Dom Hélder Câmara queriam torná-la católica e regida pelos jesuítas. A habilidade política de Darcy Ribeiro, porém, impediu a interferência na UnB, o que permitiu Anísio Teixeira trabalhar em sua concepção pedagógica.

A Universidade de Brasília nasceu como uma fundação autônoma em que não hou-



Sonho realizado: Darcy Ribeiro, em pé, e Anísio Teixeira, último à direita, na inauguração da UnB em 1962

vesse discriminação por questões políticas ou religiosas. “Se o governo não quisesse dar dinheiro, ela teria dinheiro próprio para se manter” relatou Darcy Ribeiro. Ela abrigaria uma comunidade científica capaz de se relacionar com todas as áreas de conhecimento, por isso já abriu as portas com cursos de graduação e pós-graduação. “Assim é que foi feita a Universidade de Brasília, cuja missão era dominar o saber humano para que o Brasil alcançasse o nível de civilização que só se consegue através do domínio do saber, que é a verdadeira linguagem, no nível mais alto, em todos os campos”, acrescentou Darcy.

Para Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira, que o substituiu na reitoria em 1963, foi o educador mais brilhante do Brasil. “Conheci muita gente inteligente e cintilante, mas Anísio foi o mais”. Anísio Teixeira presenciou o momento mais dramático da história da Universidade de Brasília. No dia 9 de abril de 1964, poucos dias após a instauração do regime militar, a UnB foi invadida por tropas do Exército que chegaram preparadas para um confronto, invadindo salas de aula, revistando alunos e prendendo professores. Após o episódio, Anísio e o vice-reitor Almir de Castro foram demitidos.

Em 1971, aos 71 anos, um Anísio Teixeira re-

pleto de homenagens em todo o mundo, preparava-se para receber mais um reconhecimento de sua contribuição para a educação do país. Havia sido convidado a se candidatar para a Academia Brasileira de Letras, mas resistia à ideia de se tornar um erudito.

No entanto, decidiu aceitar o que considerava uma violência contra sua natureza. “Chegar a pertencer à companhia da ordem da Academia não chegou jamais a ser, não direi ambição, mas simples desejo. Antes me parecia delírio ou loucura. Recusar, porém, diante do calor humano em que me vi envolvido, essa companhia seria deixar de responder a movimento de afeto, que poderia ser mal interpretado”, justificou em carta ao amigo Fernando de Azevedo.

Em 11 de março de 1971, um mês após escrever a carta a Azevedo, Anísio Teixeira desapareceu quando ia ao apartamento de Aurélio Buarque de Holanda, no Rio de Janeiro. Seu corpo foi encontrado dois dias depois no poço do elevador do prédio do amigo, que nem chegou a visitar. Não tinha sinais da queda, nem hematomas. O que desperta suspeitas de assassinato político. A morte, ocorrida antes de ele ser nomeado para a Academia de Letras, não impediu o garoto franzino de Caetité de ser tornar um imortal.



PROFISSIONAIS, MESTRES E DOUTORES

Mariana Vieira
Repórter - Revista DARCY

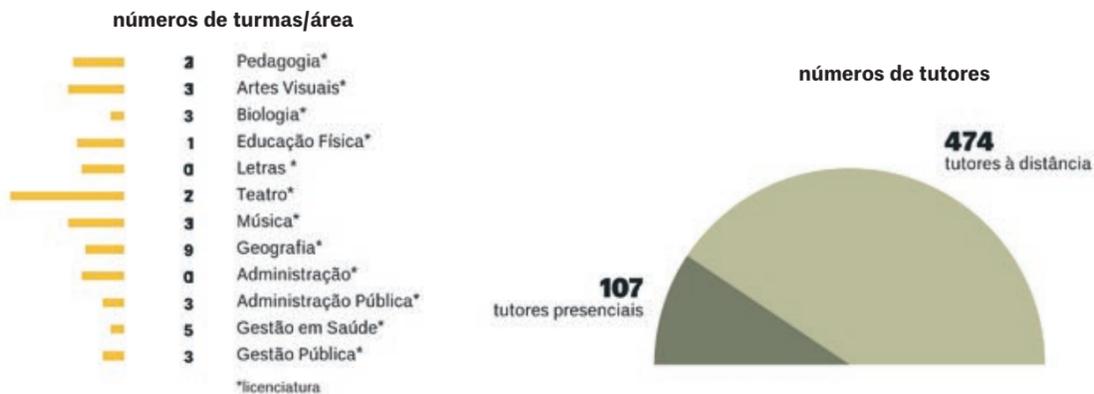
A Universidade de Brasília foi criada de acordo com três pilares: ensino, pesquisa e extensão. O ensino forma profissionais para o mercado de trabalho e a administração pública. A pesquisa produz conhecimento para a sociedade em todas as áreas do saber humano. A extensão é a aplicação prática do ensino, quando professores e universitários desenvolvem atividades com a comunidade. Veja alguns dados de produtividade da UnB durante os últimos dez anos:

ENSINO

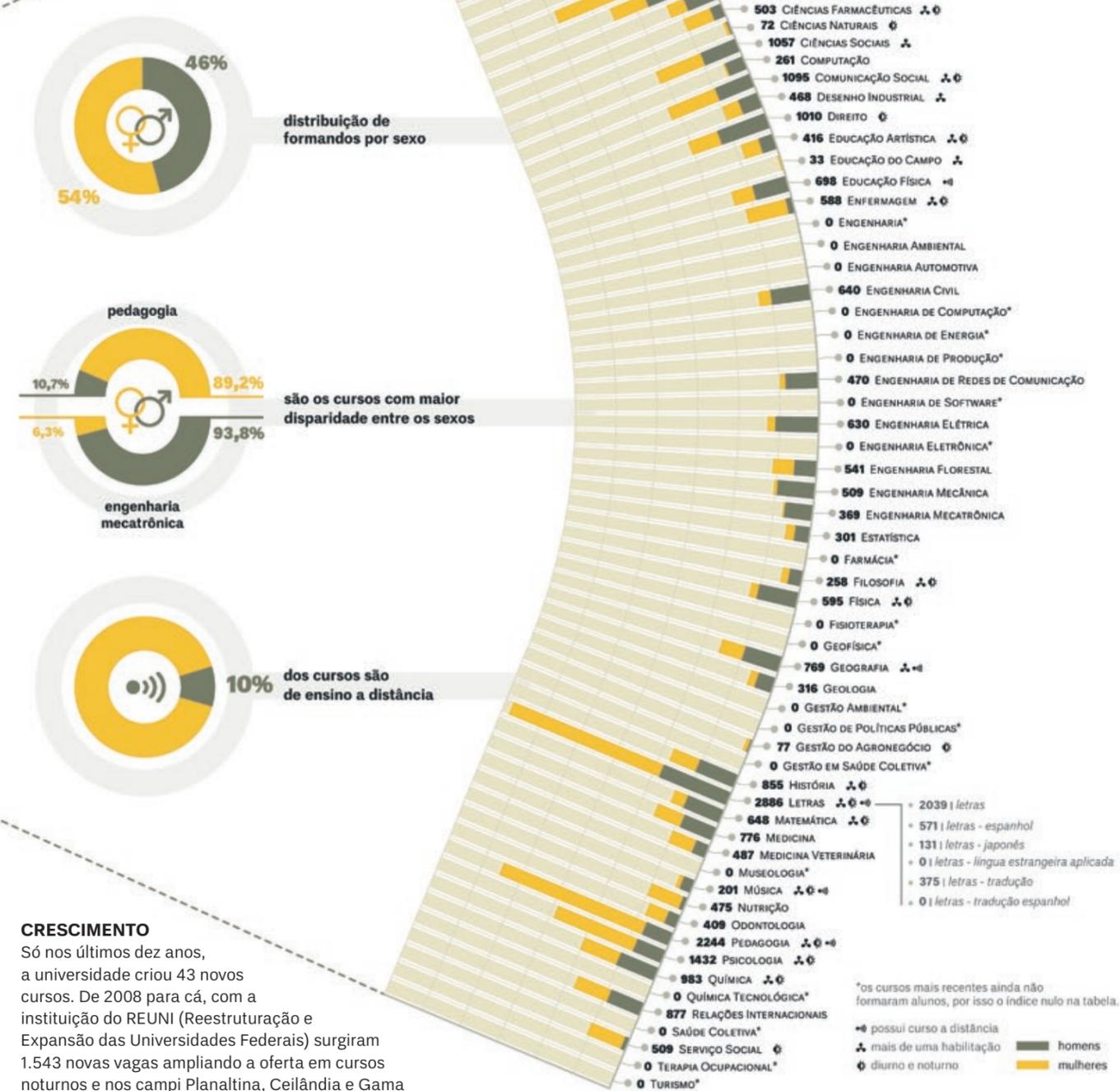
São 70 carreiras diferentes, que abarcam praticamente todas as áreas do conhecimento. Veja no infográfico abaixo como estão distribuídos os formandos de acordo com gênero, nacionalidade, modalidade de ensino (presencial ou a distância) e formas de ingresso como vestibular, PAS e sistema de cotas



EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA



um total de **121** turmas com **2.480** alunos matriculados



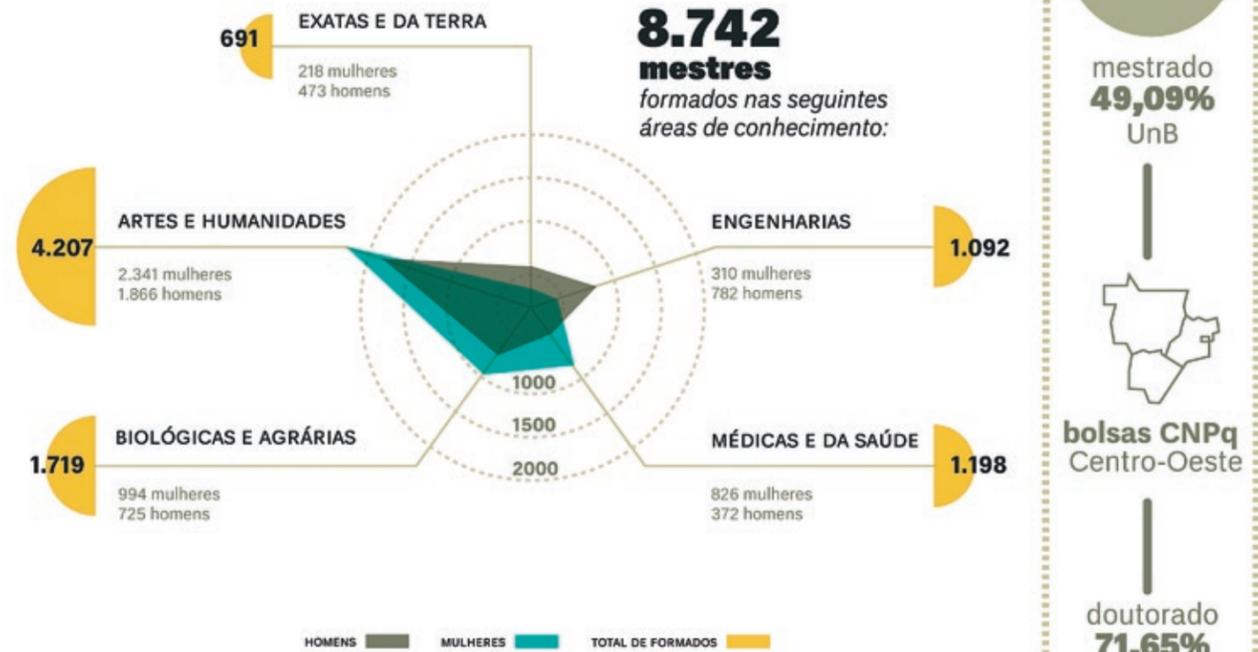
Fontes: Departamento de Planejamento e Orçamento (DPO/UnB)/ março 2012 e Portal CESPE/ março 2012; Programa Universidade do Brasil UAB/UnB/ março 2012 e Anuário Estatístico 2011 UnB e Portal REUNI /março 2012

PESQUISA

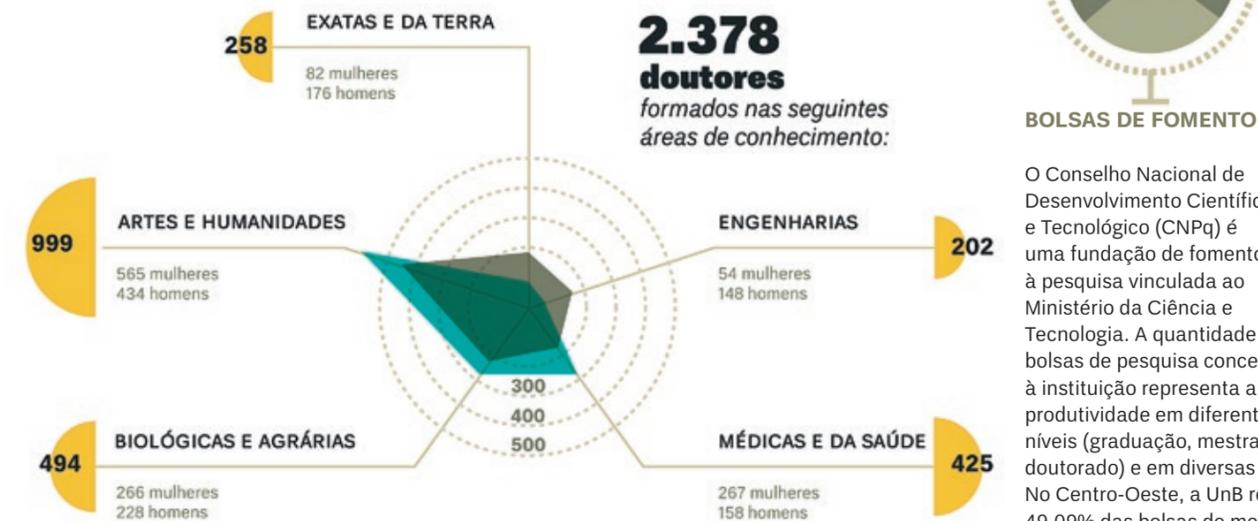
A Universidade é lugar de pesquisa. Além de formar profissionais para o mercado de trabalho e para a administração pública, a universidade tem a missão de refletir sobre os temas da atualidade, criar conhecimento e inventar tecnologias. A UnB faz isso formando mestres

e doutores em seus institutos, faculdades, departamentos, centros de estudo e laboratórios de pesquisa. Nos últimos dez anos, a UnB formou 8.742 mestres e 2.378 doutores. Veja nos infográficos a distribuição por área do conhecimento e gênero

MESTRADO



DOCTORADO



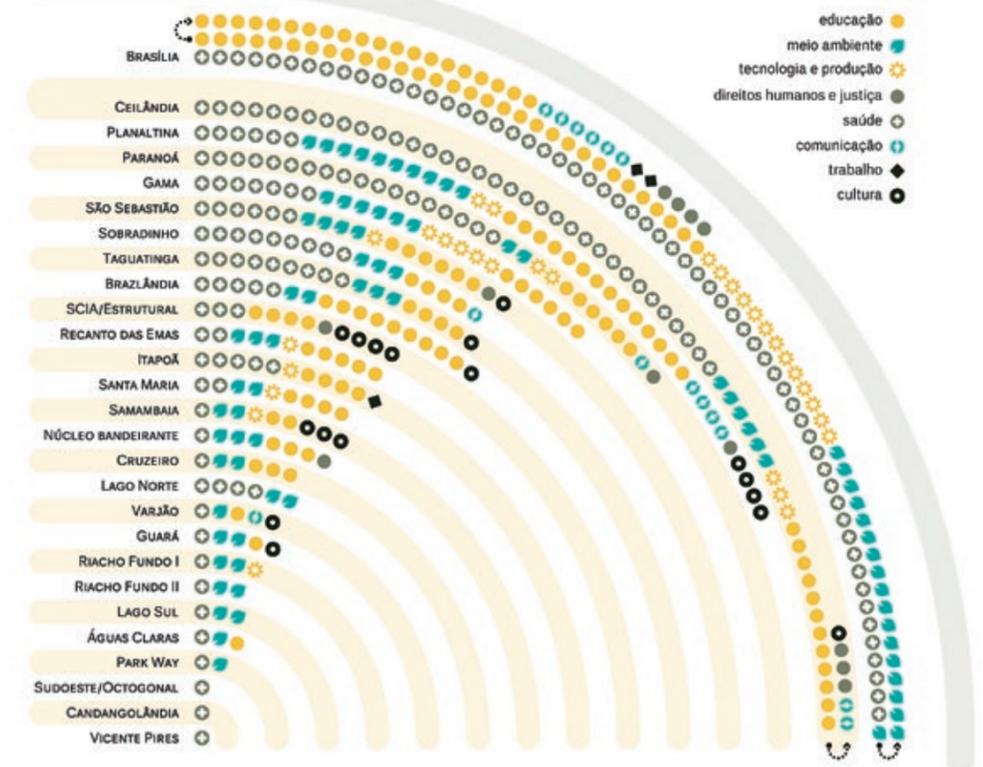
O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) é uma fundação de fomento à pesquisa vinculada ao Ministério da Ciência e Tecnologia. A quantidade de bolsas de pesquisa concedidas à instituição representa a produtividade em diferentes níveis (graduação, mestrado, doutorado) e em diversas áreas. No Centro-Oeste, a UnB recebe 49,09% das bolsas de mestrado e 71,65% das de doutorado.

Infográficos: Grande Circular

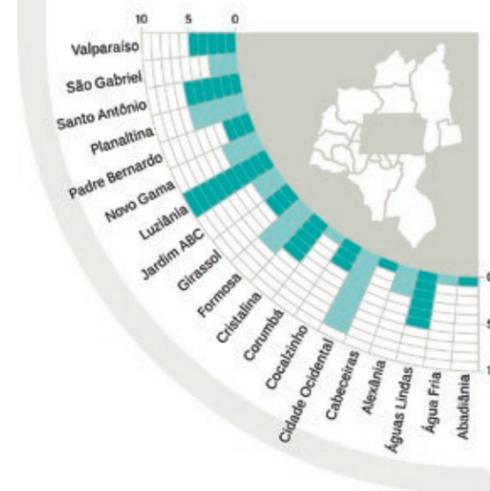
EXTENSÃO

A extensão é a propagação do conhecimento em benefício da comunidade. A ideia de extensão se concretiza em projetos tocados por professores e estudantes que transformam a realidade social fora da academia. Acompanhe nos infográficos o alcance dos projetos de extensão no DF, no entorno, no Brasil e no mundo. Siga as legendas para saber quais as temáticas mais presentes nos projetos de extensão.

1. PROJETOS NO DF

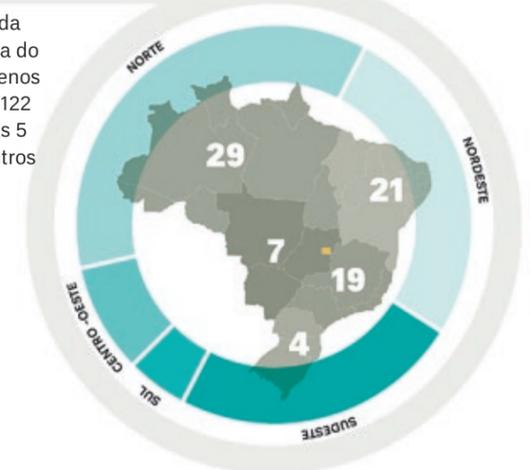


2. PROJETOS NO ENTORNO



3. PROJETOS NO BRASIL

Os projetos de extensão da UnB não se limitam à área do Distrito Federal, muito menos ao estado do Goiás. São 122 projetos espalhados pelas 5 regiões do Brasil e por outros 5 países



4. COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA

O Projeto Comunicação Comunitária surgiu em 2002. Estudantes de vários cursos desenvolvem atividades multidisciplinares (rádio comunitária, jornal mural, eventos) baseadas em conceitos da comunicação e mobilização social. O projeto mais duradouro, conhecido como ComCom, que atingiu mais pessoas e também foi mais longe. Os extensionistas já estiveram na Argentina, Estados Unidos, Portugal, Espanha e França.



Fontes: Departamento de Planejamento e Orçamento(DPO/UnB)/março 2012 e portal UnB Ciência/março 2012; Mapa de investimentos portal CNPq/março 2012 e Decanto de Extensão(DEX/UnB)/março 2012

EDIFÍCIO INFINITO

Principal prédio da Universidade, o ICC já viu protestos, perseguições policiais, assembleias políticas, performances artísticas e amores clandestinos

Naiara Leão
Especial para Revista DARCÝ

No primeiro semestre de 2009, os ex-alunos de Comunicação Social da Universidade de Brasília (UnB), Gustavo de Moura e Daniel Obregon, pensavam numa maneira divertida de começar o ano acadêmico e recepcionar os colegas. Acabaram decidindo colocar uma faixa onde se lia “Obregon e Guts desejam boas vindas a todos”. “O pessoal vinha agradecer, dar um abraço na gente e quem não nos conhecia ficava parado olhando sem entender”, lembra Gustavo.

A irreverência dos dois estudantes encontrou lugar no espaço mais libertário, inquieto e múltiplo da capital inventada: o Instituto Central de Ciências (ICC), mais conhecido como Minhocão. Ali, cerca de 15 mil pessoas circulam diariamente por salas, laboratórios, lanchonetes, papelarias e até uma ótica. O edifício abriga aproximadamente metade da estrutura da UnB, tanto pela quantidade de faculdades e institutos quanto pelo número de aulas que acontecem ali.

Pela movimentação e pelo seu formato, o ICC é considerado um “edifício – rua”. Ele foi construído sem portões e com 750 metros de comprimento, 90 metros de largura, dois pavimentos e um subsolo. Baixo e comprido, tem formato côncavo e está voltado para o lago Paranoá. Por dentro, dois blocos de salas e laboratórios são separados por um jardim. No subsolo, esses blocos são separados por uma rua.

Da perspectiva de quem caminha pelos

seus corredores, o Minhocão nunca pode ser visualizado em toda sua extensão, por causa do formato curvo. Em alguns pontos, a visão dos dois blocos paralelos converge para um ponto único no horizonte, parecendo tocar o céu – característica que admiradores do edifício interpretam como o desejo da universidade de abarcar o infinito.

Visto de cima, o Minhocão lembra as asas do Plano Piloto, ainda que a semelhança nunca tenha sido mencionada pelo seu criador, o arquiteto Oscar Niemeyer, de acordo com o professor aposentado da Faculdade de Arquitetura (FAU), José Carlos Coutinho.

“Tenho a impressão de que uma coisa levou à outra. Não teria sentido no espaço de Brasília, onde as quadras, em geral, podem ter até seis pavimentos, construir uma estrutura vertical”, diz.

Também professor da FAU, Cláudio Queiroz, amigo e colaborador de Niemeyer por 17 anos, levanta outra hipótese. “O ICC era a espinha dorsal da universidade e tem exatamente esse formato porque aqui funcionariam os troncos de todas as disciplinas”.

A proposta dos criadores da UnB, fundada em 1962, era revolucionar o ensino superior por meio de um aprendizado interdisciplinar que possibilitasse ao aluno compor livremente seu currículo. O ICC foi projetado para ser a expressão concreta desse sonho e, ao mesmo tempo, um instrumento para sua realização, ao reunir num mesmo espaço os principais institutos de ciência da universidade. “Era uma estrutura ▶



Cedoc/UnB

Miguel Vilela/UnB Agência

Visão do infinito: projetado por Oscar Niemeyer, o ICC é uma rua de 750 metros de comprimento



Paredes do CAAntro: cada centro acadêmico tem sua personalidade



Performance artística: a liberdade é a cara do Minhocão



Pé direito: Arquitetura preservou a amplitude do projeto original



Lenda urbana: o transminhocão faz o transporte no subsolo

maravilhosa, moderna, flexível e cheia de possibilidades”, conta Coutinho, referindo-se tanto ao prédio quanto à estrutura curricular do ano de 1968, quando chegou à UnB.

Além das aulas, os estudantes compartilharam nesses 50 anos experiências, festas e projetos, como o Tubo de Ensaio – que espalha performances e instalações pelo prédio – e o Festival Universitário de Música Candanga (Finca) – que acontece no anfiteatro e já foi vencido por ex-alunos como a cantora Ellen Oléria.

O edifício-símbolo também ensinou a criação de lendas, como a do transminhocão. Nessa brincadeira, veteranos orientam calouros a esperarem por um transporte público da UnB no subsolo, em vez de percorrer quase um quilômetro de Minhocão de ponta a ponta. A verdade é que o transminhocão foi uma proposta real - de que bondes ou carrinhos elétricos atravessassem o subsolo - formulada pelo Centro de Planejamento (Ceplan) nos anos 70,

mas nunca posta em prática.

CONSTRUÇÃO

No plano urbanístico da UnB, Lucio Costa previu um campus com oito institutos de ciências espalhados por 40 edifícios. Em seu planejamento, Oscar Niemeyer reduziu a quantidade de prédios reunindo cinco institutos no ICC. A mudança foi motivo de brincadeiras de Darcy Ribeiro com o arquiteto. “Gosto de dizer, para divertir os amigos, que foi por preguiça que Oscar projetou o Minhocão tal qual ele é”, conta o fundador da universidade no livro *UnB: Invenções e Descaminhos*.

A construção do ICC, que já seria demorada, foi desacelerada nos tempos do Regime Militar e sua execução levou quase dez anos, de 1963 e 1971. Nestes anos, alunos de engenharia e arquitetura estudavam no canteiro de obras observando o trabalho de pedreiros e a implantação de técnicas até então inéditas no Brasil: a de blocos pré-moldados e a do

concreto protendido, que coloca esqueletos de ferro dentro do concreto.

No gramado, ao lado do futuro Minhocão foram montados imensos moldes onde se fabricaram vigas de até 30 m de comprimento. Sozinhas, as vigas sustentariam cada metade do minhocão. Depois de prontos, os blocos eram erguidos por uma grua instalada no local onde hoje fica o jardim e posicionados em seu lugar. As técnicas inovadoras foram fundamentais para a sustentação de grandes áreas vazadas que dão a sensação de amplitude ao Minhocão.

Além de Niemeyer, o arquiteto João Filgueiras Lima, o Lelé, e o engenheiro Bruno Contarini desenharam boa parte das formas que vemos no ICC e conduziram a obra. Mas o trabalho deles foi interrompido pela ditadura, assim como o projeto de uma universidade revolucionária. A ocupação desordenada que aconteceu a seguir fez com que o ICC se tornasse uma mágoa para Niemeyer.

OCUPAÇÃO

A ocupação do ICC se deu no mesmo sentido de sua construção, da Ala Sul para a Norte. À medida em que a estrutura ficava pronta, era utilizada, antes mesmo do acabamento, pela necessidade de uso das instalações. Dessa forma, o projeto nunca foi de fato concluído. “Você olha pra cima e ainda vê os fios e a rede hidráulica. E faltaram as coberturas, os laboratórios que haveria nas travessias largas do jardim lá em cima e fariam sombra para quem passa”, exemplifica o professor Queiroz.

Também não foi respeitada a disposição planejada por Oscar Niemeyer. A faculdades deveriam ter uma ocupação transversal, ocupando duas faces do minhocão, por exemplo. No bloco mais próximo ao Paranoá, ficariam os laboratórios e salas de apoio. O lado oposto, mais estreito, seria destinado às salas de aula e anfiteatros.

Mas o que ocorreu, segundo Queiroz, foi

uma ocupação linear e “indiscriminada”, o que magoou Niemeyer, que raramente cita o ICC em suas publicações e entrevistas. “Isso é algo que maltratou muito o espírito do Niemeyer. Ficou um certo ressentimento com a UnB. Acho que ele se sentiu injustiçado com o próprio sistema, quando o AI-5 interrompeu a construção da universidade e porque as pessoas abandonaram o projeto dele”, diz. Segundo Queiroz, “tudo caminhava bem até que veio a noite...”.

INVASÃO

Numa manhã de junho de 1977, o professor da Antropologia Gustavo Ribeiro, então aluno da graduação, chegava para uma aula no ICC quando foi abordado por um policial à paisana. Ele perguntou se ele era o Gustavo e diante da afirmativa, respondeu: “Você está preso”. O mesmo aconteceu com outros 16 integrantes do movimento estudantil da UnB naquele dia.

Segundo Gustavo, o motivo da prisão foi uma greve dos estudantes. “Eu me lembro mui-

to bem do Minhocão ocupado pela polícia em 77. Tanto policiais militares quanto civis entraram e prenderam muitos estudantes. Ficamos cerca de dois meses em greve e o Minhocão era o centro da resistência. Acusaram-me de ser um perigo para a segurança nacional brasileira”, conta.

Nos anos da ditadura, a UnB sofreu invasões policiais e muitos estudantes foram perseguidos no Minhocão. O professor de física da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), ex-aluno da UnB, Zolacir Trindade, viu várias dessas cenas. Uma delas, de 1977, o marcou pela forma como os estudantes ajudaram um colega a escapar.

“Tinha um policial, conhecido como King Kong, que ficava à paisana e era excelente capoeirista. Vi ele correndo atrás de um aluno vinculado ao movimento estudantil. A cena era trágica mas, ao mesmo tempo cômica, porque os alunos iam se metendo na trajetória do King Kong. Ele chegou a derrubar vários alunos ▶



“Ele tem duas cabeças. Ao mesmo tempo que tem uma vanguarda - a galera se aceita muito, tenta não se discriminar - é muito conservador por causa de um pessoal que ficou da época da ditadura”

Willian Pereira História

“Uma cabeça liberal, com facilidade para conviver com vários tipos de pessoas sem se fechar muito a uma tribo”

Alice Reis
Psicologia

QUEM É O MINHOCÃO?

Alunos respondem qual a personalidade do edifício

“Ele é meio down, pra baixo. Essa coisa do concreto contribui para isso”,

Mateus Lobo
Ciência Política

“Seria o esquizo [conceito da filosofia], que é aquela coisa que pode ser tudo, do movimento, de produção e de não ficar preso numa coisa só”,

Gabriela Cunha e Olavo Souza
Ciências Sociais

na corrida, mas a gente ficou sabendo que o perseguido conseguiu escapar. Não obstante a gente viu ele segurando muitos outros alunos, prendendo. Uma coisa triste”, relembra.

O próprio Zolacir foi preso em 1984 com dois amigos após uma passeata no campus pela redemocratização. Depois de soltos, eles continuaram sendo seguidos até quando estavam em aula. “Depois que fomos soltos ganhamos sombras. Onde a gente ia no Minhocão, eles estavam”.

A estrutura do Minhocão era boa para escapar. “As chamadas “katakumbas”, onde hoje está a sede da pós-graduação em Antropologia, no subsolo, eram o lugar da gente se esconder da polícia porque você fechava tudo, ficava quieto lá dentro e eles nunca tentavam arrombar as grades de ferro da entrada”, conta o professor Gustavo.

MOBILIZAÇÃO

Com a redemocratização, o Minhocão passou de esconderijo à centro de mobilização e convivência. O Ceubinho e o UDFinho, as entradas principais do edifício, são pontos de assembleias estudantis, troca de informação e venda de ingressos para festas, apesar de serem conhecidos de forma pejorativa como “lugar de não se fazer nada” por terem o nome de faculdades particulares de Brasília.

O assessor de juventude da UnB e ex-dirigente da União Nacional dos Estudantes (UNE), Rafael de Moraes, relembra que no congresso da UNE de 1995 o ICC foi tomado por estudantes de todo o país que chegaram a Brasília sem alojamento. “Ocuparam o Minhocão inteiro. Por causa do despreparo houve quebra-quebra e o prédio ficou deteriorado. Foi então criada a resolução que proíbe alojamento nas dependências da universidade”, conta.

Rafael se lembra também que, em 1998, integrantes do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) que faziam uma marcha nacional, que passou por algumas universidades, acamparam nos jardins do ICC. No mesmo ano e depois, em 2001, ele e outros alunos em greve também acamparam no prédio.

Já em 2008, ao pedirem a saída do ex-reitor Timothy Mulholland, os estudantes se instalaram na reitoria. Os protestos, no entanto, chegavam ao ICC sempre que os manifestantes queriam visibilidade. Num deles, funcionários e professores pró-Timothy organizaram uma passeata que atravessaria o Minhocão com o objetivo de mostrar aos estudantes que o então reitor não estava isolado.

Logo no início do trajeto foram impedidos por uma barricada em frente ao Centro Acadêmico (CA) de Agronomia. Alunos do curso fecharam a passagem com bancos de madeira e espantaram os apoiadores de Timothy, o objetivo era deixar claro que o Minhocão é dos estudantes. Os manifestantes desviaram seu trajeto para a reitoria.

COM A REDEMOCRATIZAÇÃO, O MINHOCÃO PASSOU DE ESCONDERIJO A CENTRO DE MOBILIZAÇÃO E CONVIVÊNCIA. O CEUBINHO E O UDFINHO SÃO PONTOS DE ASSEMBLEIAS ESTUDANTIS, TROCA DE INFORMAÇÃO E VENDA DE INGRESSOS PARA FESTAS

COTIDIANO

A relação histórica de muitos com o Minhocão faz com que seu espaço seja cobigado por alunos de vários cursos. Alguns CAs ocupam salas de aula invadidas e outros, com a perspectiva de construção de novos prédios, avisam que não querem sair.

“Assim você perde a caracterização da universidade de ter várias cabeças diferentes no mesmo lugar. Esse CA é um xodó. O espaço é a nossa cara, tem toda a referência da Agronomia”, comenta o aluno Renan Pinheiro, sentado na “pracinha” do CA do curso, onde os estudantes colocaram bancos de madeira e plantaram pés de amora, maracujá e banana.

O CAAgro é decorado com uma cabeça gado e a pintura de um boi na parede e tem também uma churrasqueira, que costuma ser levada para a “pracinha” na hora do almoço.

Ali, até os problemas do Minhocão, como a queda d’água que se forma quando chove, são encarados com bom humor. “Tem diz gente que tira a camisa e toma banho na cachoeira. Aqui não tem tempo ruim, não”, diverte-se o estudante Raphael José.

Os estudantes de Sociologia também dizem viver um “CASO [nome do seu CA] de amor” com o espaço. Nas paredes do CASO, estão colados cartazes que contam a história do curso, da UnB e de Brasília, com anúncios de seminários e exposições e material sobre a ditadura e a campanha das Diretas. Ali já aconteceram happy hours, um “pagodão na laje” com direito a piscina de plástico para os alunos se refrescarem e uma festa de gala às 14h no aniversário de 30 anos do CASO. “Esse CA é patrimônio, história viva. A gente é afeiçoado ao lugar”, comenta a aluna Maisa Dantas.

Apesar de gostarem do Minhocão, os estu-

dantes têm queixas em relação a sua estrutura. Os comentários mais comuns são de salas quentes, sem janelas ou isolamento acústico, falta de sabonete e papel higiênico nos banheiros e bebedouros quebrados.

Neste semestre, o Instituto de Psicologia adiou em uma semana o início das aulas alegando que o prédio não tinha condições de ser ocupado. “Tem muitas salas com vidros quebrados, quando chove tem goteiras e muitas pesquisas com animais estão paradas por falta de ventilação”, conta a aluna do curso, Alice Reis.

O coordenador da zeladoria do ICC Norte e Centro, Ernande Ferreira, vistoria o Minhocão antes das aulas diariamente a partir de 6h30 e admite que “falta material de vez em quando”, mas afirma que os maiores responsáveis pelos problemas são os usuários. Ernande diz que todos os novos bebedouros do ICC Norte, por exemplo, tiveram os fios cortados em menos de uma semana de aula neste primeiro semestre de 2012. “Tem coisa que é vandalismo mesmo. Os funcionários têm muita história do que o pessoal faz de maldade. É função nossa limpar, mas também tem muita injustiça”.

PERCURSO

Apesar de dividirem o mesmo espaço no ICC, cada faculdade criou uma identidade própria. Nas proximidades do Instituto de Letras, há inscrições literárias no concreto e barulho de professores conversando em várias línguas pelo corredor. Em frente à Geologia, uma coleção de pedras e minerais encontradas por alunos ocupa o jardim. Na Física, uma janela com experimentos expostos convida para uma ‘experimentoteca’ que diverte visitantes com equipamentos como o que deixa os cabelos arrepiados.

A Faculdade de Arquitetura, sem portas e divisões internas e com um pé direito duplo, é a única que se mantém sem grandes reformas e alterações, ainda que bem conservada.

Para o aluno Gabriel Ernesto, da Arquitetura, estudar no Minhocão é realizar, ano a ano, uma travessia por diversas áreas e tipos de pessoas. “É um percurso. A ideia é você entrar no minhocão e atravessar ele ao longo do seu curso. Quando sair, você terá o conhecimento de todas as áreas”.

O professor Zolacir também se lembra dessas características no seu tempo de estudante. “Os alunos de todos os cursos rodavam ali. Eu, como aluno da Física, tinha amigos da Administração, da Economia e da Comunicação. O Minhocão sempre foi o lugar que diferenciou a UnB de todas as universidades do Brasil.”, diz.

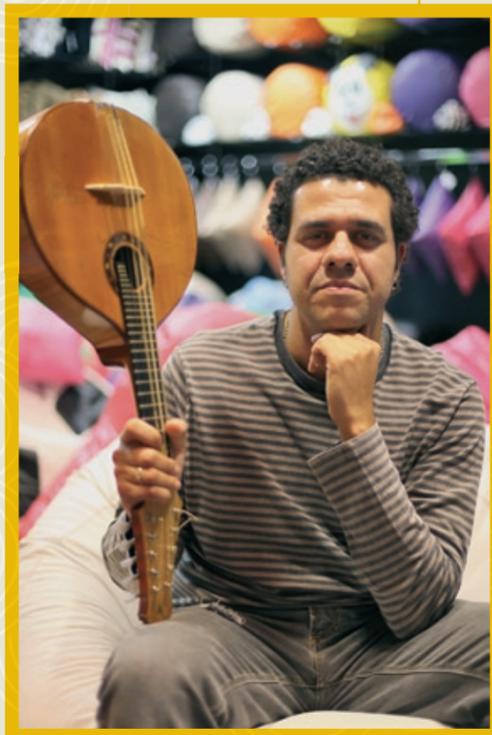
A fala deles, no momento em que a UnB completa 50 anos, é um sinal de que o Plano de Desenvolvimento do Campus, de 1969, acertou ao dizer que o Minhocão foi “concebido para a cooperação” e “constituiu entre nós o primeiro marco da genuína integração universitária”. ■



Faz 11 anos que me formei como Bacharel em Composição pelo Departamento de Música. Devo muito do que sou hoje como músico e cidadão à UnB. Entre 1996 e 2001 estudei, fiz amigos e desenvolvi meu pensamento crítico e o senso estético com muita profundidade. O aluno é colocado diante de uma perspectiva ampla sobre o mundo e sua especialidade, além de ter contato com outros estudantes que buscam um caminho para o trabalho e as realizações. Sabendo disso, aproveitei o máximo que pude, tanto na relação com os mestres, como no compartilhamento e discussão de ideias com os colegas de estudo.

Sempre transitei pelo mundo acadêmico, mas minha maior influência, até entrar na Universidade de Brasília, foi a música informal. Estudar na UnB me deu todas as justificativas para o que eu já fazia como artista. E o melhor de tudo: ganhei de presente mais questionamentos que me movem como ser humano e músico. Influência fundamental e definitiva. A principal lição que aprendi na Universidade de Brasília: nunca é demais saber um pouco mais, e, daí, compreender que ainda se tem muita coisa pra aprender.”

Hamilton de Holanda, compositor e bandolinista



Alguns dos episódios mais marcantes de minha vida aconteceram enquanto cursava Medicina em Brasília. Poderia mencionar que conheci minha esposa Ana Amélia na instituição ou que, nela, atendi meu primeiro paciente, mas acho que existe outra memória que merece destaque especial. Quando entrei na Medicina em 1985, a UnB não tinha um Hospital Escola próprio, e usava o Hospital Presidente Médici (HDFPM), do antigo INAMPS. Alunos e professores, com razão, exigiam um Hospital Universitário próprio, com foco acadêmico. Em 1987, o HDFPM foi transformado em Hospital Docente Assistencial (HDA), mas ainda era uma unidade do INAMPS. A situação tornou-se cada vez mais tensa e, em 1989, após esgotarem-se as negociações, alunos e professores, incluindo nossa saudosa Diretora, Vanize Macedo, saíram do HAD e instalaram-se num hospital de campanha feito de lona, próximo aos ambulatórios. Entramos todos em greve, atendendo à população em barracas, visitando parlamentares no congresso, fazendo passeatas e exigindo nosso hospital. Após um período conturbado, finalmente, em 1990, recebemos o Hospital Universitário de Brasília – o HUB. Tive a honra de compor a comissão de alunos e professores que foi ao Palácio do Planalto receber o hospital das mãos do Presidente da República. A sensação de termos conseguido o hospital, finalmente, completando a nossa faculdade, foi sensacional. Aprendi naqueles meses que as ideias justas, por mais difíceis que sejam, vencem se contarem com defensores determinados e organizados, e que não devemos nunca esmorecer em busca de nossos princípios e ideais.”

Paulo Hoff, diretor geral do Centro de Oncologia do Hospital Sírio-Libanês e do Instituto do Câncer de São Paulo



UnB TRANSFORMADORA

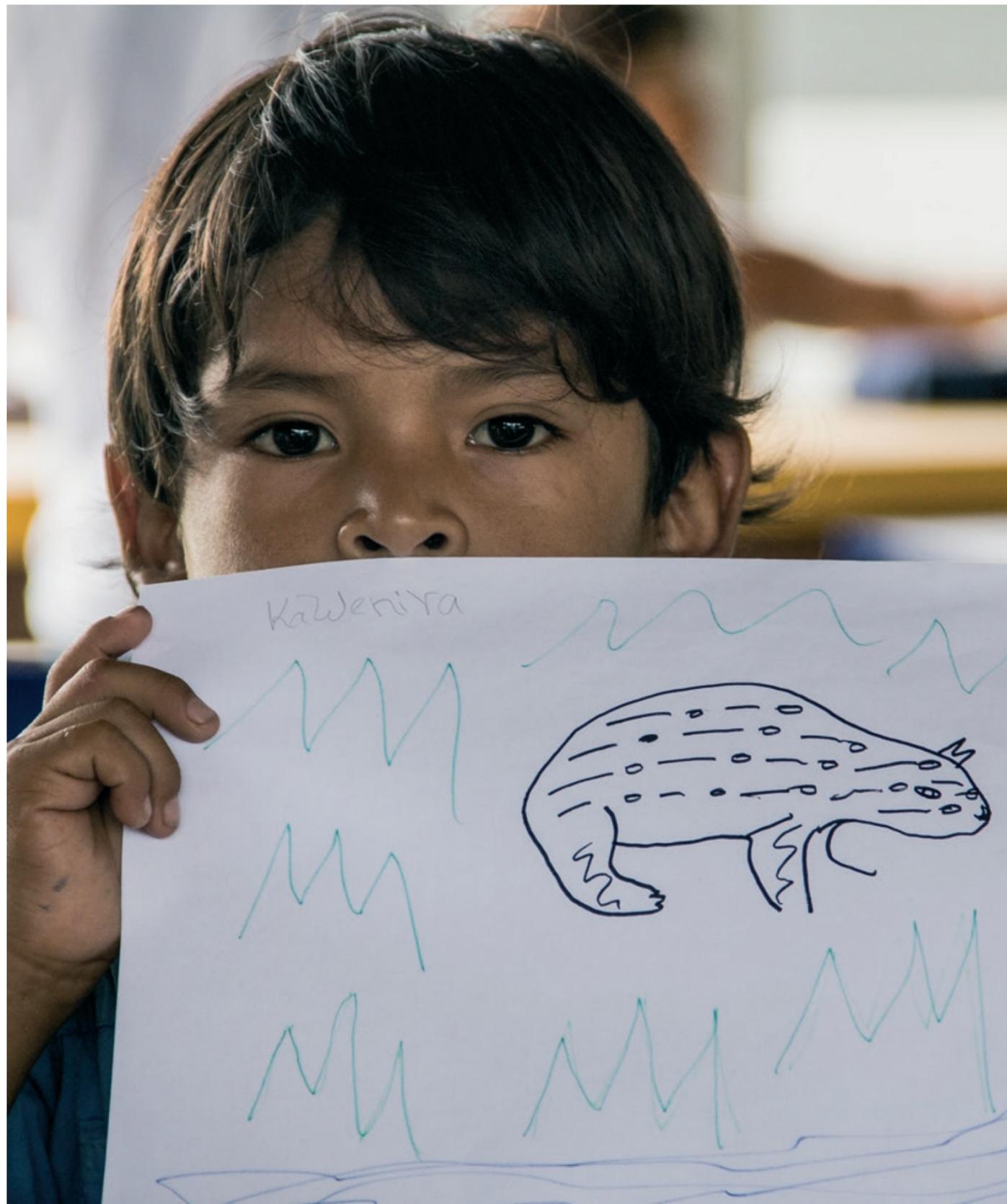
O B é de Brasília, e também de Brasil. Do Norte ao Sul, diversos projetos da Universidade transformam o país: é a realização do sonho de Darcy Ribeiro de uma Academia onde o conhecimento é gerado em benefício do povo. Nas próximas páginas, você vai conhecer três projetos que mostram como a UnB viaja o Brasil

João Paulo Vicente Repórter · Revista DARC Y

Emília Silberstein Fotógrafa · Revista DARC Y



Alfabetização participativa: crianças fazem desenhos para ilustrar cartilha que ensina a língua nativa



ASURINÍ FALA ASURINÍ

Professora da Letras ajuda índios paraenses a fortalecer a língua nativa e a identidade cultural

João Paulo Vicente
Repórter · Revista DARCY

N o aeroporto de Tucuruí, sudoeste do Pará, os visitantes são recebidos com um painel que avisa: “Aqui geramos energia para o Brasil de um novo tempo”. É uma referência à hidrelétrica da cidade, quarta maior do mundo. No entanto, basta seguir 18 km de estrada de terra na direção contrária à da usina para encontrar um país bem distante da modernidade. É a Terra Indígena Trocará, onde vivem os índios Asurini do Trocará. A Universidade de Brasília vai até eles, mas no caminho muda de nome. Lá, a UnB se chama Ana Suelly Arruda.

Ana é professora do Instituto de Letras e vice-coordenadora do Laboratório de Línguas Indígenas (LALI). Com a ajuda dos 19 alunos de graduação e pós-graduação ligados ao LALI, ela desenvolve um processo de fortalecimento de língua e cultura de diversos grupos indígenas por meio da capacitação de professores e pesquisadores índios. O apoio financeiro vem do Ministério da Educação. Formalmente, como projeto de extensão, a atividade ocorre há dois anos, mas na realidade é apenas a continuidade do trabalho que ocupa a vida da linguista desde a década de 80.

“A formação de professores índios responde a demandas educativas e sociais desses grupos”, afirma Ana. Para isso, a professora da UnB desenvolve cursos, oficinas e escreve, em parceria com os indígenas, livros didáticos e de literatura que narram histórias e mitos das quase 20 etnias que participam do projeto. Entre os Asurini, o trabalho da professora encontrou eco na vontade de um grupo que buscava reafirmar suas raízes.

Nos anos 60, em decorrência de doenças como gripe e malária, os Asurini tiveram seu número reduzido a menos de cem. A população passou por um processo de recuperação lento, que coincidiu com uma maior integração com a sociedade branca que levou os índios a não transmitirem o

idioma nativo para as novas gerações. Nos últimos anos, os Asurini, que hoje são quase 600, começaram um processo de recuperação de identidade.

Morosopia e Pirá são duas lideranças emergentes nessa nova etapa. Ao contrário da maioria dos índios da sua faixa etária, entre 30 e 40 anos, eles sabem falar bem a língua mãe, que faz parte da família linguística do tupi-guarani. Ela é filha de Puraké, líder ligado à educação que tem preocupação especial em manter a história da etnia. Ele é filho de Sakamirame, o pajé. Com a ajuda de Ana Suelly, os dois se tornaram professores de língua indígena e já começam a despertar o interesse dos mais jovens em saber o nome de tudo que os cerca em sua língua original.

AULA

O Território dos Asurini é uma área de 400 km² cortada ao meio pela BR-422, conhecida como Trans-Cametá. Na maior aldeia, chamada Trocará, as casas são de alvenaria. Foram feitas pelo estado nos anos 90 como compensação pela construção da estrada. Ali vivem mais de 500 índios que sobrevivem da caça, pesca, comércio de açaí, bacuri, castanha, artesanato e também de auxílios do governo, como Bolsa-Escola e Bolsa Família.

É um lugar onde a professora Ana Suely se sente em casa. Quando chega, ela é logo cercada por crianças, que não param de olhar e rir, mas são tímidas na hora de falar. “A maioria eu vi crescer”, brinca Ana, que visita os Asurini regularmente desde 96. Carinhosa, ela chama um de “meu lindo”, outro de “meu fofo” e passa a falar com eles na língua nativa.

Primeiro, *katoeté*, algo como “tudo bem”. Em seguida, fala no idioma que está muito quente ali e avisa que quem quiser soltar um pum tem que sair da casa. As crianças se ►

divertem, a professora também. “Falo com eles em Asuriní para que saibam como ela é linda”, explica Ana. Ali perto, Pirá observa a cena. “Antes esses meninos não falavam nada, agora já se interessam mais e até entendem algumas coisas”, diz ele.

Uma das atividades desenvolvidas no território é a sexta-feira Asuriní. Toda sexta, a escola *Warara’awa* interrompe as aulas normais e faz uma grande atividade no pátio, aberta à comunidade.

Numa manhã de março, enquanto diversas palavras com a letra A são escritas no quadro por Morosopia, a linguista da UnB senta-se entre as crianças e adultos que aguardam o começo da aula. A espera termina quando a professora indígena lidera um coro de crianças no exercício da pronúncia correta das palavras. Em seguida, pede a todos que traduzam o que está escrito no quadro. Por fim, chama alguém para desenhar o significado de cada uma das palavras.

O tímido Tui’a, de 16 anos, é o responsável por desenhar a *arawasa* – palheiro usado para carregar mandioca. “Eu conheço só algumas palavras, mas cantar eu sei bem”, afirma o garoto que, no fim das contas, desenhou quase o quadro inteiro. Sentada no fundo, Oporeniapú, 39 anos, assiste a aula de forma diferente das crianças. Ela fica quieta, anotando sem parar tudo que é escrito e dito. “Nunca tinha tido a oportunidade de aprender a língua Asuriní, só agora que estou entendendo um pouco mais”, diz.

Depois da aula, Ana Suely chama as crianças para outra atividade. Ela distribui canetas

TODA SEXTA, A ESCOLA WARARA’AWA INTERROMPE AS AULAS NORMAIS E FAZ UM ENCONTRO CULTURAL ABERTO À COMUNIDADE. CRIANÇAS E ADULTOS APRENDEM JUNTOS

tinhas de hidrocor e pede que desenhem os animais da região. O objetivo é juntar ilustrações para o segundo livro didático feito para a etnia. “É um livro voltado para as crianças mais novas, que contextualiza os animais na vida social e econômica dos Asuriní”, afirma a professora.

Para escrevê-lo, a professora da UnB contou com a ajuda de Po’ngakatoa, mãe de Morosopia e esposa de Puraké. A índia dizia o nome de cada animal para Ana e, em seguida, explicava na língua Asuriní qual o papel e a relação que ele tinha com a etnia. Um processo lento já que a língua é ágrafa, ou seja, não é escrita.

“Junto com os mais velhos, construímos, aos poucos, a gramática da língua”, conta Ana. Além das publicações didáticas, ela também

desenvolve a segunda versão de um dicionário Asuriní, com mais de cinco mil palavras, e ajuda Puraké na escrita de dois livros de mitos. “O primeiro já terminou, conta quem somos e de onde viemos”, afirma ele.

Puraké apoia Ana em tudo que ela faz. Busca no aeroporto, joga conversa fora e, inclusive, já a visitou diversas vezes em Brasília. Dos sábios mais velhos, que falam o idioma Asuriní com perfeição, ele é o que tem o melhor português – resultado de anos de trabalho na Funai.

Em 53, quando os Asuriní tiveram contato com o homem branco, Puraké tinha sete anos. “Me deram uma regata, fui vestir, mas caiu direto no meu pé, era muito grande”, lembra. “Naquela época não tinha preocupação e nem doença. Hoje é preocupação de doido.”

Além das doenças, o contato com o branco resultou na diminuição da floresta amazônica na área que os cerca e na modificação da geografia dos rios Tocantins e Trocará, afetados pela construção da Hidrelétrica de Tucuruí. Outro aspecto nocivo da proximidade com a população da cidade é o alcoolismo, que, apesar de ter diminuído nos últimos anos, ainda afeta um número razoável de índios.

Para se afastar dessa influência negativa, um grupo de Asuriní se mudou há oito anos para um novo local, distante 50 km da aldeia do Trocará. Lá não chega eletricidade, as casas são construídas com madeira e palha, como antigamente, e tudo o que se vê quando acaba a roça de mandioca são árvores gigantes. É a aldeia de Ororytawá, onde moram cerca de oitenta Asuriní.



Troca de experiências: Ana Suely exhibe vídeo sobre a cultura da etnia elaborado em parceria com os índios



Vivência e aprendizado: método de ensino incentiva a colaboração entre os mais velhos e as crianças

“Lá tem muito barulho, aqui é bem melhor”, explica Kasoangawa, o cacique maior dos Asuriní. Em Ororytawá, a língua nativa pode ser ouvida com mais facilidade. Enquanto um índio chega da mata com um macaco guariba recém-caçado nas costas, as poucas crianças que frequentam a escolhinha da aldeia se preparam para cantar. Lideradas por Aropare, irmão mais velho de Pirá, elas entoam a canção da *aretina*, o tamanduá. Quando Arorape se cala numa pausa, um dos meninos mais jovens erra o tempo e continua sozinho. Dos lábios dele, a música sai perfeita.

Ana Suely explica que as crianças devem aprender a língua principalmente fora da escola, no contato com os mais velhos, como Puraké, Caxuangawa e Aropare. “As crianças têm que ir pro mato com eles, aprender o nome das coisas com eles. Aproveitar enquanto esse conhecimento ainda existe”, defende. “A língua vai além das palavras, é indissociável do pensamento e cultura”, continua ela. Por isso, Ana afirma que é necessário dar aos índios as ferramentas para preservar o idioma sem ajuda externa. “Formar professores indígenas permite que eles apliquem o conhecimento em benefício do seu próprio povo.”

PARCERIA

O projeto que Ana coordena se chama *Fortalecimento da herança linguística e cultural dos povos nativos do Brasil: contribuição à for-*

mação de professores pesquisadores indígenas. Na realidade, o nome gigantesco se traduz na crença da professora de que a extensão é um retorno necessário da atividade acadêmica para com a sociedade.

“O papel do professor é contribuir para formação de pesquisadores, criar conhecimento e fazer com que o resultado das pesquisas esteja ligado à realidade trabalhada”, afirma a professora. O raciocínio também faz com que a linguista tenha outra preocupação: dar um retorno aos índios das atividades que desenvolve.

Em março, Ana levou livros, artigos, cartilhas e um filme - resultados das pesquisas que desenvolveu ali, para os Asuriní. Ao se verem representados, os indígenas sentem-se parte daquele trabalho e não apenas tema de pesquisa. Pirá explica: “tem gente que vem aqui e tira da gente nosso conhecimento, mas não dá nada em troca”.

Mesmo o conhecimento acumulado em 30 anos, no entanto, ainda não respondeu a questão que Ana se pergunta desde que fez seu primeiro trabalho em campo: como fazer com que os índios se integrem e dominem as regras sociais dos brancos sem perderem a cultura e o meio de vida tradicionais. “Precisamos chegar num ponto onde os índios possam lidar com uma roda d’água e um computador ao mesmo tempo”, afirma Ana, em citação José Silva Quintas, pioneiro em relacionar educação e cultura entre os índios. ■





Menino do Moinho: João Paulo Moura é um dos jovens que participa das oficinas do Centro

NO CAMINHO DO ALTO

UnB Cerrado leva ciência até a Chapada dos Veadeiros para aliar desenvolvimento e preservação na região

A 230 km de Brasília e a salvo do fim do mundo, Alto Paraíso é tranquila no meio da semana. Menos numa casinha azul construída num terreno com pouco mais de 400 m². É a sede provisória da UnB Cerrado, nome abreviado do Centro de Estudos do Cerrado da Chapada dos Veadeiros. Num canto, Adriele da Silva, de 15 anos, desenha com duas amigas uma planta baixa com a proposta de jardim e horta para o local. Na cena se concretiza um projeto que, nas palavras do idealizador Dáda, é a tradução do sonho que Darcy Ribeiro tinha de uma universidade voltada para as pessoas.

Dáda é Eduardo Estellita, paranaense que se mudou para Alto Paraíso em 1980, quando era “um jovem que queria mudar o mundo”. Em 2006, vereador pelo Partido Verde, ele apresentou na 2ª Conferência Nacional do Meio Ambiente a proposta do que se tornaria o Centro. Em seguida buscou o apoio do senador e colega de sigla Fernando Gabeira, que pediu a Dáda apenas que encontrasse uma universidade para participar da empreitada.

É aí que entra Nina Laranjeira, professora de Ciências Naturais da Faculdade de Planaltina (FUP). Ela ouviu a ideia de Dáda num evento sobre a bacia do Alto Tocantins, em 2007. Geóloga de formação, ela está ligada à educação ambiental desde o início dos 90 e aceitou o desafio. Hoje, Nina coordena os cerca de 20 professores que desenvolvem trabalhos, programas e pesquisas na UnB Cerrado.

“O que nós queremos aqui é compartilhar conhecimentos e trocar saberes”, afirma a professora. A equipe tem profissionais de áreas da Saúde, Biologia, Química, Artes, Turismo, Educação e Veterinária. O único pré-requisito necessário para quem quer entrar no Centro é ter interesse em investir seus conhecimentos na região.

As atividades desenvolvidas estão divididas em dois grandes grupos: o da biodiversidade-ambiente e o socio-cultural. Além dos professores do Distrito Federal, cerca de 40 alunos de graduação vão até a Chapada a cada 15 dias. A maior parte do trabalho, no entanto, é feita por tutores e estagiários da própria cidade.

“Assim acontece um processo de formação em rede. Ao mesmo tempo em que essas pessoas nos auxiliam, aprendem a se organizar e planejar”, explica a professora Nina. A busca pela ajuda dentro da própria comunidade não para por aí. No regimento do Centro, existe espaço para a entrada de colaboradores, ou seja, alto-paraisenses que proponham a criação de projetos e participem ativamente dos trabalhos.

O principal foco da UnB Cerrado é auxiliar o desenvolvimento sustentável de toda a Chapada dos Veadeiros, além de resgatar e registrar a história e a cultura da região. Nina acha que para chegar a esse ponto ainda é preciso conhecer melhor a comunidade. “Nós temos que descobrir os potenciais deles e eles têm que descobrir o que querem da UnB.”

CIDADE FRATERNIDADE

Uma das iniciativas da UnB Cerrado no ano passado foi a criação de Cursos de Formações de Jovem: 80 alunos do ensino médio e fundamental receberam bolsas de iniciação científica e extensão júnior para fazerem aulas de Comunicação e Mídia, Reparo e Manutenção de Eletrônicos e Agroecologia.

Em 2012 o trabalho será diferente. Em vez de aulas com tutores e professores, os alunos, bolsistas e voluntários participarão de oficinas e projetos para melhorar a qualidade de vida na área em que moram. ▶

É o que já ocorre na Cidade Fraternidade, a 37 km de Alto Paraíso, 12 deles em estrada terra. A Cidade é um vilarejo fundado em 1963. Ali, funciona uma escola financiada pela Organização Social Cristã-Espírita André Luiz, onde ocorrem as atividades do Centro.

Em 2003, as terras ao redor da Cidade foram invadidas pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra – logo em seguida, o Incra assentou 120 famílias no local. São os filhos desses agricultores que frequentam a escola e fizeram o curso da UnB Cerrado no ano passado. Agora, de volta aos encontros com Nina, eles discutem como fazer uma caracterização ambiental da área e um levantamento sobre a produção agrícola das famílias.

“A maioria dessas famílias veio de áreas urbanas, eles não tinham ligação com o campo. O curso os sensibiliza, revaloriza a relação deles com a terra”, afirma a professora. Na Cidade Fraternidade, há uma horta onde os estudantes plantaram girassóis, feijão preto, melancia, amendoim, couve, tomate-cereja, rabanete, mucuma...

Marcelo Correa da Silva, 16 anos e um pouco tímido, aponta cada uma das espécies sem titubear. “O curso ajuda a entender melhor aquilo que é a nossa realidade”, diz. Na terra do pai, ele diz que começou a reflorestar a área em volta de uma mina de água que não era perene, ou seja, secava. Espera conseguir mantê-la jorrando por um período maior a cada ano.

Já Dhyonnes Nascimento, 16, e Mateus Rissiê, 18, aplicaram os conhecimentos que

aprenderam de forma diferente. Eles se juntaram para fazer no lote de Mateus uma agrofloresta. “É uma junção de árvores frutíferas, leguminosas e hortaliças que se mantém sozinha, não precisa de muito manejo”, explica o mais velho.

Noabio Moura, 21, por sua vez, concluiu o curso de reparo de eletroeletrônicos. O rapaz mora no Moinho, povoado a 12 km de terra de Alto Paraíso. Ano passado, ia até a cidade para as aulas. Agora, vai acompanhar a turma de meninos mais novos do Moinho em projetos para revitalizar o povoado.

Foi na sua casa que a professora Lívia Pena, também da FUP, deixou uma quantidade de mudas suficiente para lotar a carroceria do 4x4 que serve como transporte do Centro. Lívia é responsável pela parte de segurança alimentar e acompanhou a reunião que o tutor Sat Nam fez com jovens do Moinho para discutir onde plantar as mudas. O povoado recebe muitos visitantes, e os garotos planejam um jardim na entrada da área.

Sat também fez uma proposta: se os jovens plantassem hortaliças suficientes para suprir todo o consumo do Festival Internacional de Cultura Alternativa que acontecerá no Moinho no meio do ano, ele se comprometia a comprar toda a produção. “O objetivo é despertar neles o interesse pela terra”, afirma.

“Aqui tem cerca de 60 famílias. É um povoado mais antigo que Alto Paraíso e as lendas contam que foi fundado por escravos libertos”, conta. Outra preocupação do Centro

Reflorestamento do cerrado: 1. O tutor Sat Nam distribui mudas para moradores do Moinho 2. Reunião com a comunidade define estratégia de recuperação da natureza



Planejamento ambiental: Nina Laranjeira ajuda os estudantes da Cidade Fraternidade a fazer o levantamento geográfico e produtivo da região

ALTO PARAÍSO

“Vou lá no alto.” É assim que os quase 7 mil habitantes se referem a parte mais urbanizada da cidade. Não é à toa, Alto Paraíso é a cidade mais alta da Chapada dos Veadeiros, a 1300 metros acima do nível do mar. A cidade é jovem, surgiu na década de 50. Antes disso, os criadores de gado dos arredores levavam os animais para pastar lá em cima, no alto, onde a grama demorava mais a secar.

PRÉDIO SUSTENTÁVEL

A sede definitiva da UnB Cerrado ficará numa área construída de 1,5 mil m², dentro de um terreno de 47 mil m² de Cerrado recuperado. O prédio projetado com técnicas e material de baixo impacto ambiental terá salas de aula, laboratórios, alojamentos, espaço para camping e um banheiro seco, que não usa água. Financiada com recursos de uma emenda orçamentária de 2007 no valor de R\$ 1,4 milhões, a construção está parada desde dezembro do ano passado, quando o contrato foi rescindido com a empresa Premium Construtora. “Agora nós estamos preparando uma nova licitação para continuar”, explica o vereador Dáda. “Eu não vou desistir desse prédio. Eu cuido disso como se fosse um filho meu.”

de Estudos do Cerrado é reconstruir a história local. “É preciso registrar como surgiram os povoados, e também o conhecimento tradicional local”, afirma a professora Lívia.

Com esse intuito, já foi organizada no Moinho uma Oficina sobre Ervas Medicinais e uma Cartilha sobre Partos e Nascimento Naturais, ambas com os conhecimentos de Dona Flor, famosa parteira da região. “Também organizamos uma cartilha sobre alimentação saudável e nutrição, com a ajuda de quatro alunas extensionistas da FUP”, conta Lívia.

ÁGUAS DO CERRADO

A famosa e bela natureza da Chapada dos Veadeiros não escapou dos esforços da UnB Cerrado. Um grupo de professores se dedica a estudar três rios da região: o São Bartolomeu, o Tocantinzinho e o Rio dos Couros. Valéria Belloto, professora do Instituto de Química e vice-diretora do Centro, encabeça o grupo que se preocupa com a qualidade química e microbiológica das águas.

É o projeto de extensão Guardiões das Águas. “No ano passado, focamos o trabalho no São Bartolomeu. Ainda temos muita dificuldade para chegar até os outros dois”, afirma Valéria. Ela conta que a água do São Bartolomeu, que nasce dentro de Alto Paraíso e corre pelos povoados do Moinho e do Sertão, é praticamente natural em relação aos aspectos químicos, como acidez e salinidade.

A análise microbiológica, no entanto, ainda não pode ser feita porque falta infraestrutura. “Os pontos de coleta são muito longe entre si e para medir a quantidade de coliformes fecais, por exemplo, eu só tenho 6 horas após a coleta.” A expectativa de Valéria é a instalação de um laboratório de biologia no prédio da UnB Cerrado (veja box), que permitirá fazer essas análises em Alto Paraíso.

“As bacias da Chapada são pouco conhecidas”, afirma Valéria. Ao lado dela, outros professores da Biologia e da Química estudam a fauna e flora das águas da região. Também há aqueles que se concentram em observar o que acontece acima das árvores, como o professor Roberto Cavalcanti. Recentemente indicado para a Secretaria de Biodiversidade e Florestas do Ministério do Meio Ambiente, no ano passado Cavalcanti levava estudantes da região para observar e fotografar pássaros ao redor de Alto Paraíso.

A UnB Cerrado tem atividades desde 2009. Nesse primeiro ano, Nina Laranjeira percorreu os 230 km que separam a capital do Brasil da Chapada todos os finais de semana, com apenas três exceções. Agora, a Faculdade de Planaltina vai lançar um edital para professor substituto e ela poderá ficar direto na Chapada. “Temos muito trabalho a fazer por aqui, isso é só o começo. Mas gosto de pensar naquele provérbio chinês: ‘para voar alto, é preciso ter raízes profundas!’”





A SAÚDE DOS PORTOS

Grupo da UnB cria método para medir o cuidado com o meio ambiente nas áreas portuárias



Central de negócios: 1. Itajaí é o segundo pólo em movimentação de contêineres no país 2. No rio Itajaí-Açu, pescadores como João Abreu (foto acima) encontram o local ideal para escoar a produção

“Do rio vem a nossa grandeza.” A frase, em latim no original, está escrita no antigo brasão de Itajaí, município no interior de Santa Catarina. É com essas palavras que Antônio Ayres, superintendente do porto da cidade, explica a importância do Itajaí-Açu, o rio. Os itajaíenses, em geral, e Antônio, em particular, podem comemorar: entre os 29 mais importantes portos brasileiros, o deles é o mais eficiente quanto à gestão ambiental, de acordo com índice criado por um grupo da Universidade de Brasília.

a nota foi menor. “Realmente, nós desenvolvemos o método com um nível de exigência muito alto, um padrão internacional”, afirma Ivan Gartner.

“Os órgãos do governo precisam ter indicadores de qualidade dos setores que controlam”, afirma Marcos Maia, gerente de Meio Ambiente da Agência Nacional de Transportes Aquaviários (Antaq). A Antaq já possuía o Sistema Integrado de Gestão Ambiental (Siga), uma base de dados sobre aspectos ligados ao cuidado dos portos com o meio ambiente, mas esse sistema não permitia afirmar o que essas informações significavam na prática, ou seja, quanto cuidado e atenção a área ambiental tem recebido.

Os portos parecem inseridos em outra realidade, um mundo liliputiano onde tudo é grande demais: desde os equipamentos utilizados até o trânsito de mercadorias e pessoas de toda parte do mundo – não à toa, grande parte do comércio internacional é feito por mar. A instalação e a manutenção dessas estruturas trazem danos ao entorno e demandam dos administradores um cuidado especial com o meio ambiente e as pessoas da região. “Os intru-

mentos de gestão ambiental têm como principal objetivo reduzir os impactos dos portos, em diversos aspectos”, diz o professor Ivan.

Ao longo de discussões com representantes da Antaq, ele levantou diversos quesitos para compor a nota final da qualidade de gestão ambiental dos portos – desde o cumprimento de medidas legais, como licenças ambientais, até atividades suplementares, como campanhas de prevenção a doenças sexualmente transmissíveis.

Para agrupar itens muito díspares entre si numa mesma avaliação, o professor utilizou o *Analytic Hierarchy Process* (AHP), método que permite agregar informações e critérios de fontes diversas em um resultado final. “O AHP facilita processos decisórios porque torna fácil agregar dados de diversas dimensões, mesmo diferentes entre si, como valores quantitativos e qualitativos”, explica Ivan.

No final, foram avaliados 31 pontos que recebiam notas entre 1 a 3 ou 1 a 5, enquadrados em quatro grandes categorias. Essas questões tinham pesos variáveis entre si, dependendo da importância que a Antaq e Ivan atribuíram a eles. Dentro das ques-

tões relacionadas a aspectos Econômicos-Operacionais – a que tinha mais impacto na nota final – estavam itens ligados ao licenciamento ambiental, qualificação de funcionários da área ambiental e auditoria ambiental. Depois de aplicados todos os pesos, a nota final dos portos ficava entre 1 e 100.

Questionário pronto, os alunos do doutorado em Geociências, Weeber Réquia, e mestrado em Geotécnica, Camila Mascarenhas, viajaram o país atrás de portos marítimos e fluviais. Eles dividiram-se e, em cada uma das localidades, gastaram um dia inteiro para a avaliação. Pelas manhãs, checavam a documentação que justificaria as notas. De tarde, Camila ou Weeber conferiam na prática se os documentos condiziam com a realidade. “Isso foi um diferencial. Nós cobramos essas ações dos portos para além do papel, queremos ter certeza de que eles realmente têm essa preocupação com a gestão ambiental”, afirma Marcos Maia.

PORTO CIDADE

Entre os prédios que se destacam na paisagem da maioria das cidades, Itajaí tem alguns

intrusos. São os gigantes guindastes do porto, que carregam e descarregam contêineres de dia e de noite. Localizado a pouco mais de 3 km da foz do Itajaí-Açu, o porto tem oito berços – nome dado ao local onde atraca um navio. No lado de Itajaí, são cinco e, na outra margem, no município de Navegantes, são três.

Na avaliação da Antaq, Itajaí teve nota 89,9. Apesar de não ser grande, o complexo portuário de Itajaí é o segundo em movimentação de contêineres no Brasil: mais de 103 mil unidades só nos dois primeiros meses do ano, período em que 204 navios passaram por ali. Para se ter uma ideia, mesmo os maiores caminhões levam apenas um contêiner por vez.

Dados de 2007, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), indicam que Itajaí é o segundo melhor porto do país em relação ao valor agregado. A medida representa quanto dinheiro o porto movimentou em função da quantidade de mercadoria em peso.

“Nós temos um compromisso muito grande com a cidade”, afirma o superintendente Antônio Ayres. Ele explica que a maior parte da carga exportada pelo porto é de produtos congelados produzidos na própria região. Além

disso, ele estima que até 60 mil empregos diretos e indiretos estão ligados às atividades na área. “Metade da população ativa. Dá pra dizer que é um porto com uma cidade, e não o contrário”, brinca Antônio.

Entre as milhares de pessoas ligadas ao porto, estão uns poucos que fazem uma grande diferença: a equipe de funcionários da Gerência de Meio Ambiente, Saúde e Segurança do Trabalho. A engenheira ambiental Médelin Pitrez trabalha ali. Ela não para. Enquanto acerta um passeio de crianças pelo rio para comemorar o Dia Mundial da Água, organiza um dia de limpeza das águas com voluntários da cidade e verifica as obras para a parada do Volvo Ocean Race, Médelin enumera as iniciativas do porto na área.

“Desde 2004, fazemos levantamentos sobre a qualidade da água no rio, vida animal, poluição sonora e de dejetos, trazemos crianças para conhecer o porto, contratamos uma empresa responsável por controlar qualquer tipo de vazamento de óleo ou produtos tóxicos, criamos uma reserva ambiental como compensação social...” A lista continua. O porto de Itajaí é o único no país, por exemplo, a fazer o monitoramento da água de lastro dos navios que chegam. Trata-se de um recurso que as embarcações utilizam para ficar estáveis quando estão vazias. Quando a troca dessa água não é feita em alto mar, microorganismos exóticos podem ser introduzidos na região e causar danos ambientais.

“Nós também fazemos a manutenção do canal de navegação do rio”, afirma Médelin. Isso acontece por meio de constantes dragagens do leito do Itajaí-Açu, que garantem que não haja acúmulo de sedimentos. Assim, a profundidade se mantém constante e o trânsito de grandes embarcações é sempre possível. “Todo mundo que navega por aqui se beneficia disso.”

Uma dessas pessoas é o carioca João Abreu. Comandante do barco pescador Skipper II, João descarregava 80 toneladas de atum em um píer a cerca de 100 metros do porto, de onde o pescado é exportado. Na noite chuvosa, ele explicou o porquê de vir do Rio de Janeiro para descarregar em Itajaí: “Aqui o peixe já vai direto pro navio, é mais fácil. E essa região é muito boa para navegar, tem muitos estaleiros para reparos caso haja algum problema”.

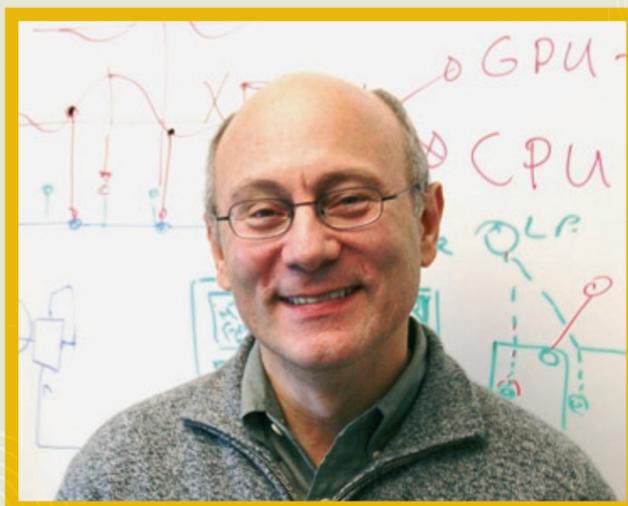
ANÁLISE CONSTANTE

Faz parte dos planos da Antaq reaplicar de seis em seis meses esse questionário, para incentivar e exigir que os portos melhorem suas notas. “A avaliação da UnB foi riquíssima e nos ajudou muito. Deu para fazer um retrato da situação atual dos portos brasileiros”, afirma Marcos Maia. Itajaí é o lado bonito desse retrato. Com a ajuda da UnB, agora a Antaq pode cobrar de outros portos uma mudança na imagem. ■

Lembro ter lido o cartaz nas paredes do Minhocão, no início de 1990. O texto convidava a participar do Grupo Experimental de Teatro Universitário – GETU, sob direção de Veronica Maia. A proposta era preparar um espetáculo de rua com elementos circenses. E os ensaios seriam de acordo com a disposição de cada um. Podia ser à noite, nos fins de semana, às seis da manhã, no Parque da Cidade, no Centro Olímpico ou nos corredores e jardins do Minhocão. O espetáculo O Cortejo de Cashbah tinha máscaras, tochas, instrumentos musicais. O grupo invadiu o Campus como se fosse uma trupe medieval. Certamente espantou e agradou muita gente. Eu, na perna-de-pau, levei uma série de tombos monumentais no escorregadio piso da Ceubinho. O mais interessante e estimulante, no entanto, foi o encontro e o trabalho conjunto com alunos de várias faculdades. Ninguém ganhou créditos por isso, mas todos vivemos uma experiência artística que nos fez pensar e atuar além da rotina acadêmica. “

Carlos de Lannoy, correspondente da Rede Globo em Jerusalém

Foto: Divulgação



É difícil acreditar que a UnB já está completando 50 anos... Cheguei pela primeira vez a Brasília em 1970, quando a UnB ainda era uma 'jovem criança' como eu, acompanhando meus pais Henrique Tafuri Malvar e Gilséa Sarmento Malvar, que foram para Brasília como professores da UnB. Desde aquela época eu sonhava em me formar engenheiro pela UnB, o que aconteceu em 1977. Graças à UnB tive uma formação excelente, o que deu o alavanco inicial à minha carreira. Depois de completar meu mestrado em 1979, voltei à UnB, como professor na Engenharia Elétrica (ENE). Tive muito apoio, e saí de licença de 1982 a 1987 para obter um doutorado, o que me permitiu, com auxílio de financiamentos do CNPq (em particular do programa RHAE) criar o Grupo de Processamento Digital de Sinais (GPDS), que existe até hoje, e que formou excelentes profissionais que desenvolveram carreiras acadêmicas e na indústria. Dois exemplos que me deixam muito felizes são o do Prof. Ricardo de Queiroz, que na época (1990) era pesquisador no GPDS, e que hoje é professor titular da Ciência da Computação (CIC), e o do Prof. Francisco Assis de Oliveira Nascimento, do ENE, que hoje lidera o GPDS. Depois de quase 20 anos de associação com a UnB, de aluno a professor, acabei me mudando para os EUA, onde continuei desenvolvendo minha carreira de pesquisador e hoje sou cientista-chefe da Microsoft. Neste ano em que completo 35 anos da minha carreira profissional, a maioria dos quais associados à UnB, fico muito feliz de ver a UnB passar por esse marco muito importante de completar 50 anos como uma das melhores instituições de ensino superior e pesquisa do Brasil. Eu orgulhosamente me junto à comunidade da UnB, como ex-aluno e ex-professor, para parabenizar e instituir, e esperar cada vez mais realizações no futuro.”

Henrique Malvar, cientista chefe de pesquisa da Microsoft

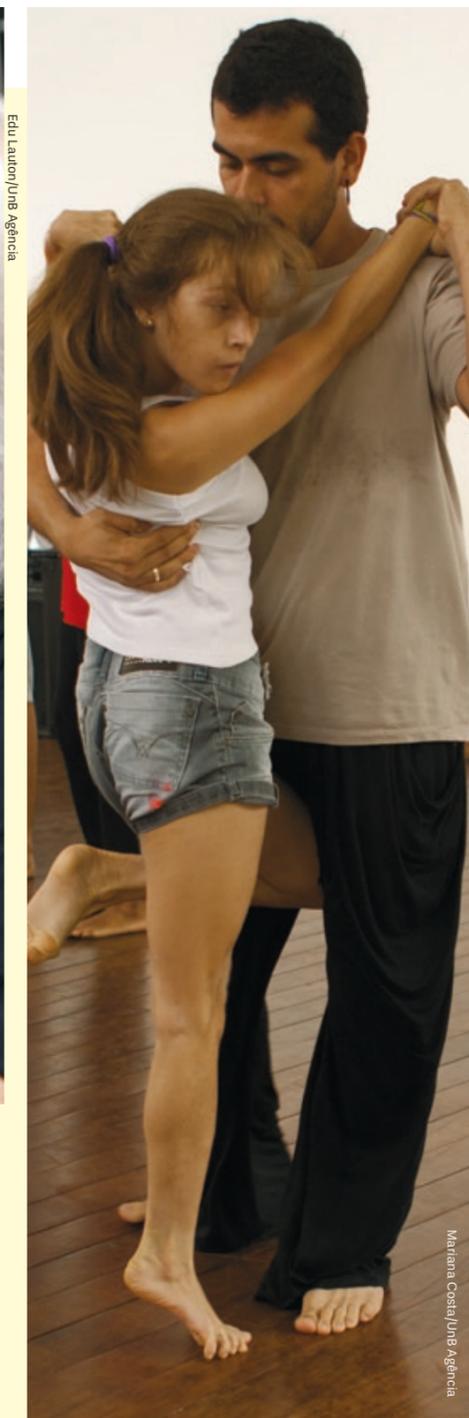
Foto: Divulgação



Emilia Silberstein/UnB Agência



Edu Lardon/UnB Agência



Mariana Costa/UnB Agência

Ensino, Pesquisa e Extensão são os três pilares da Universidade. Deles, a Extensão é o que mais aproxima alunos e professores da sociedade. Fora da academia, os universitários ensinam, aprendem e trabalham para mudar a realidade. A seguir, a história de seis projetos que, a seu modo, ajudam a melhorar o Distrito Federal

Daniela Gonçalves Repórter - Revista DARCÝ

**UNIVERSIDADE
NECESSÁRIA**



COREOGRAFIA DO POSSÍVEL

Sempre às quartas e aos sábados, estereótipos são desafiados durante duas horas pela turma do projeto *Pés?*. Ali, oito bailarinas especiais dançam, brincam e sorriem. Elas transcendem limites pela arte, orientadas por cinco extensionistas da Universidade de Brasília.

Thainá Araújo, 18 anos, já não sente o típico frio na barriga que geralmente precede uma performance pública. “Se eu não me olho no espelho, não percebo quando faço algo errado e assim não me sinto ridícula”, conta a moça, portadora de uma doença congênita rara no Brasil, a Síndrome de Kabuki (SK). O nome, apropriado do teatro clássico japonês, se deve à semelhança entre a maquiagem dos atores e a fisionomia característica de quem tem o distúrbio.

Para Thainá, as dificuldades de movimentação e o déficit intelectual causados pela síndrome já não representam impedimentos. “Acho que ninguém deve deixar de fazer o que gosta porque tem um problema”, acredita Thainá, que participa do projeto desde o ano passado. Durante os ensaios, balões, massa de modelar e barbante são instrumentos que auxiliam na decomposição dos movimentos. Cada dan-

çante chega ao projeto com habilidades corporais próprias, que são chamadas pontos de eficiência. A partir deles, os instrutores criam algo interessante de ser visto em cena. “É importante descobrir como eles se movimentam para saber o que podemos exigir deles”, explica a estudante de Artes Visuais Clara Braga, 23 anos, monitora do *Pés?* desde o semestre passado.

“A dança é a materialização da poesia no corpo”, explica o coordenador do *Pés?*, Rafael Tursi, 28 anos, mestrando em Artes. A atividade de extensão nasceu da cabeça dele. No ano passado, Tursi fez um laboratório de Teatro-Dança realizado como parte de seu trabalho de conclusão de curso em Cênicas. Este ano partiu para o mestrado no mesmo tema e decidiu transformar as oficinas em um projeto permanente.

“Sou pessoa de dentro pra fora. Minha be-

leza está na minha essência e no meu caráter. Acredito em sonhos, não em utopia. Mas quando sonho, sonho alto”. Nem todas as palavras do poema de Tati Bernardi soam compreensíveis para os ouvintes quando proferidas por Marina Anchises, 22 anos.

A jovem moradora de Taguatinga tem dificuldade na fala em razão da paralisia cerebral. “A ideia era que os espectadores se sentissem como eu me senti. Porque ninguém me deu legenda para compreendê-la quando conheci a Marina”, explica Tursi sobre uma das cenas do espetáculo montado para mostrar os resultados do Projeto.

Na apresentação, que estreou no 1º Encontro TransArte, na Universidade, em novembro passado, pessoas com paralisia cerebral, deficiência múltipla, síndrome de Kabuki e tetraparesia (paralisia incompleta de nervo ou músculo dos membros superiores e inferiores) exploram limites em busca de uma poesia corporal. “Perdi a vergonha de falar em público”, diz Marina, que também é cadeirante devido à falta de sustentação no quadril. Sentada na cadeira de rodas com o desenho de uma borboleta roxa, ela compara a dança a um voo. E alto, tal como os sonhos do poema com o qual se identificou.



Professor e aluna: Tursi ergue a cadeirante Marina em passo de tango



Ensino e aprendizado: Clara, extensionista, brinca com Kelly, que tem deficiência cerebral

“No início eu ficava meio assustada, não sabia nem por onde começar. A gente fica muito tempo se perguntando como tratá-los e, na verdade, não deveria existir esta preocupação, porque eles sabem que são deficientes”, explica a extensionista Clara.

Essa também foi a impressão da estudante de Artes Cênicas - Bacharelado Ana Luísa Faria, 32 anos, quando começou a trabalhar no projeto em agosto do ano passado. “Todo corpo tem expressividade, o desafio é buscar isso fora dos cânones teóricos que são pensados para os andantes. Temos que virar a teoria de cabeça para baixo.”

Graduada em Direito, Ana Luísa nem imaginava dar aulas quando decidiu estudar Teatro. Hoje, devido à experiência com o projeto, planeja cursar a dupla-habilitação em Licenciatura. “É menos tradicional trabalhar dança com deficientes, então talvez isso influencie quando estiver ensinando pessoas que não têm deficiência”, considera.

PASSOS

Quando terminou o curso de Artes Cênicas com habilitação em Bacharelado em 2009, Tursi estava decidido a realizar um trabalho

corporal para pessoas com deficiência. Na época, ele acompanhava o tratamento de uma amiga que ficou com tetraparesia após sofrer um acidente de motocicleta em São Paulo. “Eu observei como eles usavam atividades esportivas para a reabilitação e me perguntei: será que dá para fazer isso com arte?”, conta Tursi, que pesquisou o assunto durante o trabalho de conclusão de curso. Apesar de ter iniciado pela paraplegia, Tursi estendeu o projeto para diferentes tipos de deficiência. “Para gerar um resultado de qualidade, é preciso fugir do preconceito de achar ‘bonitinho’ ou ‘fofinho’ pessoas com deficiência dançando”, defende.

Cada aula enfoca um tema ou a combinação deles: peso, tempo, espaço e fluência. Esses são os fatores do movimento

sistematizados pelo coreógrafo e bailarino Rudolf Laban, considerado um dos maiores teóricos da dança do século XX. O método de Laban, contudo, não foi criado para as pessoas com deficiência. “Pelo contrário, ele sempre pensou em corpos que tem os pés como base. Então tive que adaptar os conceitos para usá-los como instrumentos didáticos”, explica Tursi. Os pais dos dançantes geralmente não assistem aos ensaios porque poderiam prejudicar a desinibição dos filhos. “Se eu fico lá dentro ela olha para mim o tempo todo”, explica Simone Araújo, mãe de Thainá. “A auto-estima da Thainá aumentou muito, ela é outra pessoa. O projeto soube tirar dos nossos filhos coisas que não sabíamos que eles podiam fazer”, descreve.



Diversão no papel: brincadeiras e música ajudam jovens a aprender a língua estrangeira

EM BRAZLÂNDIA, FALAMOS FRANCÊS

“**J**e m'appelle Lucas Gomes”, apresenta-se o menino de 11 anos, com naturalidade, numa sala de aula do Núcleo de Extensão da Universidade de Brasília, em Brazlândia. Na cidade localizada a 49 quilômetros do Plano Piloto, professores e universitários ensinam lições de francês e interculturalidade a crianças e adolescentes entre 9 e 14 anos.

As aulas integram o *Sopa de Lettres*, projeto de extensão no qual jogos e brincadeiras substituem a utilização dos tradicionais manuais de idioma no ensino de francês. “Trazemos o cotidiano dos alunos para a sala de aula para que não vejam a língua estrangeira como algo de outro mundo”, explica a monitora e estudante de Licenciatura em Letras Sylvania Rodrigues, 37 anos.

As oficinas acontecem duas vezes por semana. Além de animar e captar a atenção, atividades como jogar bola, pular corda, cantar, dançar e desenhar deixam as crianças mais à vontade para falar francês.

As estratégias de ensino seguem os moldes da Educação Popular de Paulo Freire, ou seja, buscam aproveitar e valorizar a vivência do aprendiz. “A pessoa que está na sua frente não é um ser vazio. A flexibilidade tem que ser do docente, do instrutor, e não o contrário”, afirma a coordenadora do projeto, a professora do Instituto de Física Fátima Makiuchi, que atua na área de estudos multidisciplinares da pós-graduação.

CARTAS PARA A ÁFRICA

Em 2010, quando o *Sopa* começou, os extensionistas criaram um exercício de redação

para que os estudantes refletissem sobre o lugar onde vivem. Eles deveriam escrever cartas contando sobre a cidade para um adolescente nigeriano, Issoufou, que à época tinha 14 anos. *Lettres*, em francês, significa letras ou cartas, a única maneira de se comunicar com o “menino da África”, como ele era chamado entre as crianças de Brazlândia.

A iniciativa deu certo. “Ao escreverem, os alunos começaram a ter uma real consciência de como era a cidade. Eles tentavam achar qualidades e perguntavam: como eu digo isso em francês?”, conta a professora do Instituto de Letras Mara Lúcia Mourão, uma das orientadoras do *Sopa*. O intercâmbio foi possível porque Mara conheceu a mãe de Issoufou durante o doutorado na Bélgica.

“Na minha carta para Issoufou, escrevi que Brazlândia é legal, tirando os assassinatos, a violência e o preconceito. Acho que ele ficou com vontade de vir aqui”, conta Grazielle Brito, 11 anos, que descreveu a cidade onde mora como “très jolie” (bonita, em francês) e participa das oficinas desde o início do projeto.

O *Sopa* é tocado com entusiasmo, apesar de dificuldades como o transporte dos extensionistas da UnB para Brazlândia e a frequência das crianças nas oficinas. “Toda a ação é

um parto. A gente só consegue atender àquelas que moram no entorno do polo, porque as outras não têm dinheiro para o ônibus e nós não temos verba para oferecer um lanche”, lamenta a professora Fátima Makiuchi.

“Às vezes dá vontade de desistir por ser cansativo e muito distante. Mas tem sempre aquele momento que motiva”, revela a estudante de Licenciatura em Letras Maria da Cruz Santos, 25 anos, uma das idealizadoras do *Sopa*. Uma dessas ocasiões, por exemplo, aconteceu no dia que chegou a carta do “menino da África”. O que era na realidade apenas um e-mail virou alimento para a fantasia infantil ao ser manuscrito, selado em um envelope e entregue pela funcionária do polo nas mãos das crianças.

“Professora, a gente recebeu uma carta da África! Os olhinhos delas brilhavam”, emociona-se Maria da Cruz, que mora no Gama há 12 anos e vê no projeto uma oportunidade de retribuir o investimento público feito em sua formação universitária. “Muitas crianças me perguntam o que é a UnB. Eu sempre estudei em escola pública e cheguei à Universidade, então convenço as crianças de que é possível para elas”, conta.

Enxergar a cultura do outro como diferente da própria é uma forma de expandir a visão de mundo das crianças. “Para muitas, o lugar mais distante de casa que conheciam era Taguatinga. Levar o conhecimento que tivemos na Universidade é uma maneira de mostrar que elas podem ter acesso a outras coisas. O mundo delas cresce e, de repente, deixa de ser apenas Brazlândia”, avalia a extensionista Érica Cabral, 32 anos, também estudante de Licenciatura em Letras.

INGREDIENTES DA SOPA

O *Sopa* saiu da cabeça de Sylvania, Maria da Cruz, Érica e Jussara Almeida. Em 2010, ainda estudantes da Licenciatura Letras-Francês, as quatro se juntaram para criar um método que fugisse das estratégias tradicionais de ensino de língua estrangeira para crianças. “Nós estávamos nos formando, mas sentíamos falta de experiência em sala de aula”, conta Maria da Cruz que hoje cursa Licenciatura em Letras-Português, assim como as outras três colegas.

O projeto, que começou com as quatro monitoras, hoje tem 10 extensionistas, sendo sete bolsistas e três voluntários. A programação de conteúdos é decidida logo no início do semestre, mas a forma de apresentá-los – isto é, os jogos e brincadeiras – é planejada semanalmente. “Gosto de ver esses alunos trabalhando e tendo a oportunidade de devolver à Universidade antes mesmo de terminar”, avalia a professora Mara Lúcia.

No segundo semestre do ano passado, o *Sopa* alcançou o Gama, onde atendeu os jovens do Centro de Orientação Socioeducativo (Cose) da cidade. Lá a música revelou-se uma importante ferramenta de ensino. “Procuramos canções que eles já conheciam, mas não sabiam que eram em francês”, explica Maria da Cruz, que entre outros recorreu a *Hey oh!* da dupla francesa de hip hop Tragédie e *Quelqu'un m'a dit* de Carla Bruni.

E APRENDEMOS MÚSICA



Professor em treinamento: Renan Cruz (esquerda) e colegas divulgam projeto na comunidade

Uma vez por semana, Ana Caroline Sousa, 16 anos, anda 30 minutos a pé com o violão nas costas até chegar ao Núcleo de Extensão de Brazlândia, na periferia da cidade. Lá, ela aprende novos acordes com os extensionistas do *Programa Diálogos Acadêmicos – Aula de Música na Comunidade*.

“Se não fosse por eles, eu ia ter que arranjar um jeito de pagar para aprender a tocar”, conta a estudante, que se divide entre a música, o estágio e os estudos para o PAS.

O violão de Ana Caroline foi um presente do pai, que trabalha na construção civil e levou cinco meses para juntar o dinheiro para comprar o instrumento. “Ele fica todo orgulhoso ao me ouvir tocando modinhas quando a família se reúne”, disse. O programa foi criado em 2008 para ampliar as ações de formação de professores do Grupo de Educação Musical do Departamento de Música da UnB.

“Percebemos que precisávamos proporcionar essa experiência aos nossos estudantes quando um aluno foi dar aula para 60 pessoas no Gama e não sabia o que fazer”, conta a professora do Departamento Maria Cristina de Azevedo, coordenadora do programa de extensão. Naquele mesmo ano, as aulas de violão, teclado, canto, linguagem musical e musicalização com flauta doce começaram a ser

oferecidas em Brazlândia.

As aulas são abertas a toda a comunidade, mas três escolas da cidade são parceiras do programa desde 2011. A procura é grande – as 70 vagas oferecidas por semestre são preenchidas com facilidade, mas também ocorrem muitas desistências. “Todo dia tem aluno novo e temos que aprender a lidar com isso porque é uma característica da extensão. Não podemos fechar as portas para ninguém”, explica a professora Maria Cristina.

O graduando de Licenciatura em Educação Artística – Música, Renan Cruz atua no projeto desde o ano passado, quando começou o curso na Universidade. “A gente aprende a lidar com diferentes graus de maturidade. Para mim tem sido muito bom, porque ainda não tenho certeza do que vou fazer depois da Universidade”, explica. Na sexta-feira 9 de março, durante aula inaugural do projeto em 2012, Renan e outros dois colegas apresentaram um show-aula para divulgar o projeto na comunidade.



Roseny Fernandes: "Quando estamos juntos o desafio é mais agradável!"



UNIÃO SEM AÇÚCAR

Alongamento no Centro Olímpico: participantes incluem atividades físicas na rotina



Saúde e companheirismo: aulas proporcionam troca de experiências e fortalecem amizades

Edu Latouf/UnB Agência

A troca de anedotas, confissões, conselhos e receitas dietéticas tempera a objetividade dos questionários científicos distribuídos durante as reuniões do *Doce Desafio*, um programa de pesquisa e coleta de dados da Universidade de Brasília que procura melhorar a qualidade de vida da população diabética. Desde a criação em 2001, o grupo de extensionistas orientou mais de 800 diabéticos, com idades entre 4 e 90 anos, sobre alimentação saudável e prática de exercícios físicos.

Maria de Lourdes de Oliveira ignorou o diagnóstico de pré-diabetes aos 27 anos de idade. "Quando a gente é jovem e bonita não dá bola para essas coisas. Com o avanço da idade, a doença apareceu com toda força", alerta a advogada que, aos 62 anos, chega a tomar insulina quatro vezes por dia. A diabetes é uma disfunção metabólica que causa um aumento excessivo de glicose no sangue, com várias consequências.

Em 2000, quando Maria foi diagnosticada

com a doença, lembrou-se do irmão que faleceu após sofrer múltiplas amputações no corpo em decorrência da doença. "Ele dizia: vou morrer mesmo, então vou comer de tudo", conta. Diferente dele, ela decidiu lutar pela vida e procurou o *Doce Desafio*.

"Alguns diabéticos chegam aqui logo depois de receber o diagnóstico, achando que vão morrer", conta a professora da Faculdade de Educação Física Jane Dullius, 51 anos, coordenadora do *Doce Desafio* e portadora de dia-

betes há 40 anos. "Ensinamos que não é assim, é perfeitamente possível ser diabético e saudável." Durante muito tempo, a professora teve medo de que os outros descobrissem sua doença, não aceitava que tivessem pena dela. "Primeiro devemos derrubar o preconceito que temos contra nós mesmos. Foi minha mãe quem me ajudou a ter confiança no meu potencial", lembra.

Para Maria de Lurdes Cerqueira, 57 anos, a doença era um "bicho de sete cabeças" que ela preferia ignorar mesmo depois de passar por três diabetes gestacionais. A presença elevada de glicose no sangue durante a gravidez tende a se normalizar após o parto, mas as mulheres que passam por isso apresentam maior risco de desenvolver diabetes depois. Há nove anos, quando o diagnóstico foi confirmado, Malu, finalmente, resolveu mudar velhos hábitos. "Eu só podia comer o que estava na lista que a nutricionista me passou. Isso me deixava louca. No programa, aprendi que existem adaptações, mas nada é proibido", conta a aposentada que,

desde que chegou ao *Doce Desafio*, não abre mão de um pedaço de chocolate amargo ou de uma caipirinha com adoçante.

O estímulo das atividades em grupo, que incluem desde exames médicos a aulas de educação física, não deixa ninguém descuidar do tratamento. "Quando estamos juntos o desafio é mais agradável", descreve a dona de casa Roseny Fernandes, 50 anos, que está no programa há quatro. Apesar de não ser diabética, ela redobrou os cuidados com a saúde desde que apresentou diabetes gestacional aos 25 anos. "O programa virou um vício. Aqui fiz muitas amizades e às vezes até saímos juntas para tomar um café e quebrar a dieta", brinca.

De acordo com a última avaliação de resultados do programa, de dez anos para cá, houve uma grande redução no número de participantes que se lamentam por serem portadores de diabetes. "Procuo aplicar a insulina na frente de todo mundo para desmistificar. Não há nada de extraordinário, é como coçar a cabeça", compara a professora Jane.

Por se tratar de uma doença crônica, a diabetes requer mudanças de hábitos permanentes, como a prática regular de exercícios físicos. Apesar disso, a maior motivação para o diabético que se cuida é a evidente melhoria na qualidade de vida, percebida no dia a dia. "Algumas senhoras relataram que haviam perdido até mesmo a força para segurar os netinhos no colo", conta o professor da FEF e nutricionista Guilherme Mendes, 26 anos, que é um dos supervisores do *Doce Desafio*. "Eu trabalhei na área clínica e sei que não dá para levantar a vida do paciente em 15 minutos. A vivência que temos aqui possibilita que façamos um trabalho diferenciado e multidisciplinar."

TROCA

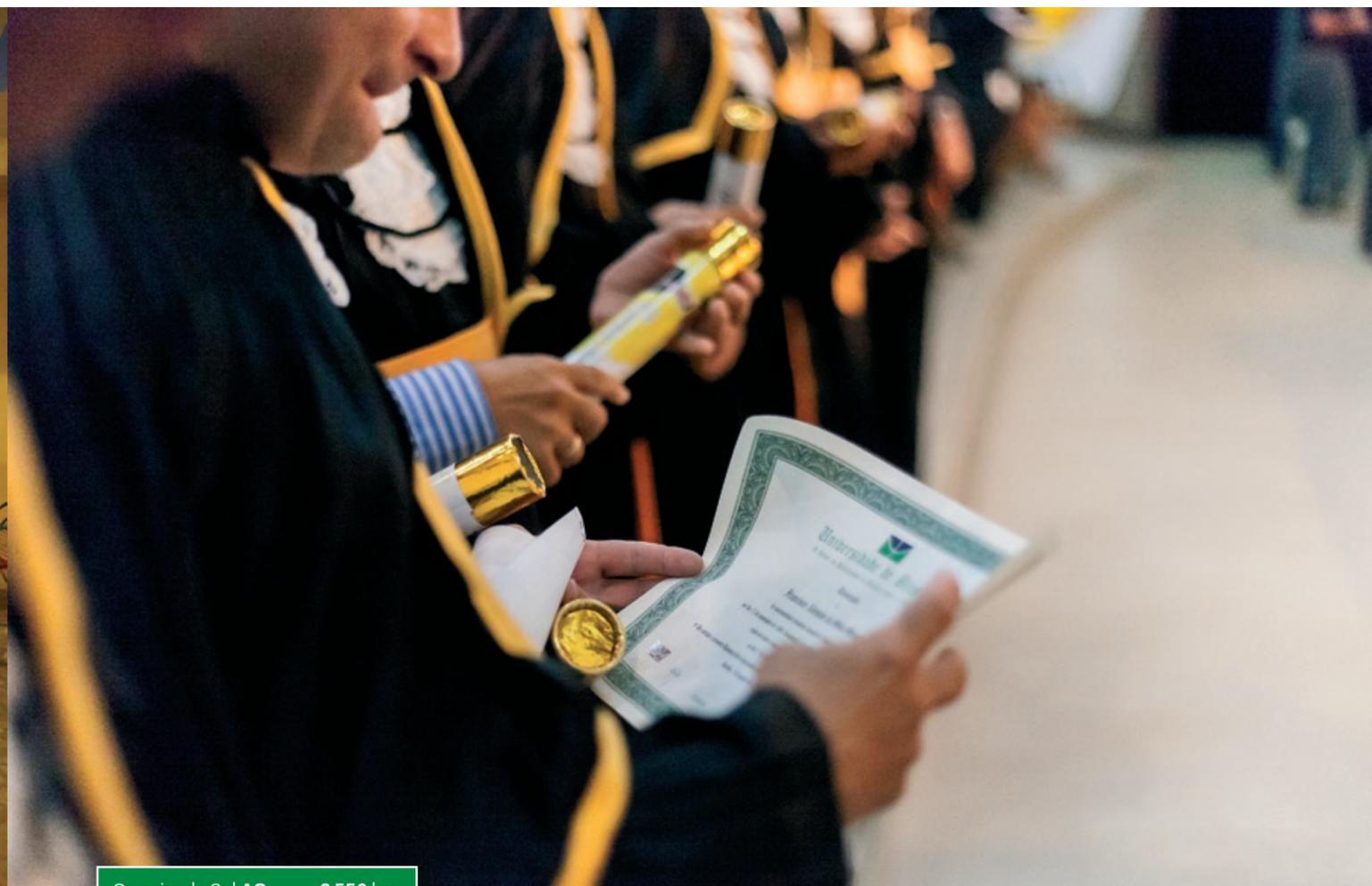
Equipes formadas principalmente por estudantes e profissionais das áreas de Educação Física, Nutrição e Medicina atendem a diabéticos na Asa Norte, Ceilândia e Sobradinho. Antes das atividades físicas, são realizadas avaliações de glicemia, pressão arterial, fre-

quência cardíaca e alimentação. "Os diabéticos são professores dos nossos alunos porque trazem informações relacionadas às vivências deles. E os estudantes são professores dos nossos diabéticos porque pesquisam e estão sempre atualizados sobre a doença", explica a professora Jane.

A formação de profissionais especializados na doença é uma preocupação crescente desde a sanção da Lei 11.347, em 2006, que determina que todo diabético precisa estar inscrito em algum programa de educação especial em diabetes para receber gratuitamente do Sistema Único de Saúde os medicamentos necessários para o tratamento. "Durante a minha graduação inteira eu tive duas disciplinas sobre diabetes. Vi colegas se formarem sem entender a aplicabilidade do que aprenderam", avalia o professor Guilherme, que decidiu se especializar em diabetes há sete anos, quando conheceu o programa. "Aqui, me encontrei. Vi o quanto o conhecimento acadêmico auxilia a vida das pessoas".



Dia de festa: Alunos esperam pelo início da formatura no sertão da Paraíba



Certificado de excelência: formando recebe o diploma no pólo de ensino acreano

AQUI É A

MINHA UnB

Do Acre à Paraíba, formandos da educação a distância dividem a alegria do diploma de ensino superior

Thais Antonio Repórter · Revista DARCY
Luiz Filipe Barcelos Fotógrafo · Revista DARCY

Elas, em sua maioria, não conhecem o Minhocão, o Auditório Dois Candangos, o Teatro de Arena ou os prédios novos dos campi de Planaltina, Gama e Ceilândia. Se ouvirem falar de Beijódrômo, talvez não consigam precisar se é um memorial em homenagem ao fundador da Universidade ou um local criado apenas para fins não-acadêmicos. Mas nem por isso se sentem menos parte da Universidade de Brasília.

Para além do DF, existe uma UnB que já formou 186 novos professores em dez estados diferentes. As turmas fazem parte do programa federal de ensino a distância Universidade Aberta do Brasil (UAB). Em 31 municípios, há cursos da Universidade de Brasília. As primeiras turmas se formaram em fevereiro deste ano e seguiram o mesmo protocolo das colações de grau dos cursos presenciais. Graduandos em Artes Visuais, Música, Teatro e Educação Física receberam diplomas nas cidades onde moram e estudaram.

Na fronteira do Brasil com a Bolívia, em Brasília (AC), oito novos licenciados comemoraram no pólo de ensino a distância da cidade. Usaram as becas, que caracterizam a pompa da ocasião. Os formandos em Artes Visuais exibiam trajes azuis. Nas roupas dos graduandos em Teatro, as roupas eram brancas.

Verônica Lopes, 32 anos, era uma das que usava azul. Filha de seringueiros, não escondia o orgulho pela conquista. “Quando entrei, ganhava menos de um salário mínimo. Não tinha computador, nem internet.” Verônica fez empréstimo de R\$ 1.600 para comprar a máquina, conectou-se à rede e moldou o próprio destino. “Sou filha de produtores rurais. As pessoas que cresceram comigo, ou entraram para as drogas ou para a prostituição”, conta.

CICLO VIRTUOSO

Os formandos da UAB/UnB têm agora a oportunidade de criar um ciclo virtuoso de transmissão de conhecimento, devolvendo à cidade onde cresceram os ganhos de quatro anos de estudo numa instituição de excelência. “Não estamos formando só o estudante, estamos formando muita gente no processo”, explica a professora Maria Lídia Bueno Fernandes, coordenadora operacional de Ensino de Graduação a Distância da UnB. “As pessoas estão estudando, se especializando, encontrando caminhos e tudo isso sem sair da comunidade de origem.”

Além dos formandos, outros 2 mil estudantes estão se qualificando em oito licenciaturas, um bacharelado e duas especializações da UAB/UnB. A maior parte das atividades acontece pelo computador. Encontros presenciais são ▶

realizados a cada semana ou a cada 15 dias, dependendo do curso e da disciplina, nos pólos de ensino a distância. Mantidos pelas prefeituras, os pólos são a estrutura física dos cursos. Em Brasília, a prefeitura construiu uma sede com salas de aula, auditório e laboratórios de informática.

Atualmente, 107 professores exercem a função de tutores nos pólos presenciais nas cidades. Eles são os responsáveis por acompanhar os alunos de perto, tirando dúvidas e detectando dificuldades. Antes do início do curso, recebem capacitação da Coordenação Operacional de Ensino de Graduação a Distância, em parceria com os cursos, no Campus Darcy Ribeiro. “Quando esse tutor vem a Brasília e se senta com os professores do curso, você acha que ele volta igual?”, indaga Maria Lídia.

Além dos tutores presenciais, há os tutores a distância. Eles são 474 professores que orientam os estudantes sobre o andamento da disciplina, propõem atividades, estabelecem o cronograma do semestre e definem a frequência dos encontros presenciais. Trabalham como mediadores do conteúdo elaborado pelo professor-autor da disciplina.

Como muitos pólos sediam atividades de mais de uma universidade, os estudantes e tutores têm a oportunidade de trocar conhecimento com colegas de outros cursos. Os avanços ainda não mensurados já podem ser vistos. “A gente observa que nunca se leu tanto, nem se refletiu tanto sobre a educação, o processo de ensino e aprendizagem e o desafio de ser professor nessas comunidades”, diz. “A UAB acaba modificando muito o local e tem esse potencial de irradiar o conhecimento”. Maria Lídia planeja aprofundar as pesquisas a respeito do impacto da educação a distância nos municípios.

A PRINCIPAL META DO PROGRAMA UAB É A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR PÚBLICO. UMA CONSEQUÊNCIA DIRETA DESSE PROCESSO É A INCLUSÃO DIGITAL

REALIZAÇÃO DE SONHOS

Em Barretos (SP), durante a cerimônia de colação de grau, a licenciada em Artes Visuais, Selma Cristina Daniel, 45 anos, lembrou momentos difíceis vividos durante a graduação. “Se não fosse o apoio que recebi dos tutores, não estaria aqui hoje. Meu filho foi preso e meu marido recebeu diagnóstico de câncer. A UnB me ajudou a superar isso”, conta. “São amigos que você nunca viu, mas acabam ficando íntimos. Essa é uma faculdade que não tem distância.”

Selma era faxineira quando entrou para o curso em 2008, agora planeja prestar concurso para dar aulas na rede pública de ensino.

“Até hoje, só exerci tarefas que qualquer um com disposição física podia fazer. Hoje posso falar que tenho um diploma, uma profissão. Passei a ser uma pessoa melhor, mais paciente, observadora, sensível e mais solícita”, orgulha-se.

Duas Estradas, na Paraíba, fica a 2.700 quilômetros de Barretos. Lá o jovem Arlem Nelo Pessoa, de 23 anos, realizou o sonho que a paulista Selma acalenta. Formado em Educação Física pela UnB, garantiu o primeiro lugar no concurso da Paraíba e também uma vaga no Rio Grande do Norte. O município de Duas Estradas, com menos de 4 mil habitantes, fica praticamente no meio do caminho entre as capitais. Arlem pretende assumir os dois cargos. “Eu me descobri dentro da Educação Física. Já estou pensando no mestrado”, disse.

Na noite da formatura, não era a entrega do diploma que fazia as mãos do rapaz suarem. O nervosismo era pela execução de um plano que 500 pessoas testemunharam. Ao entrar para a valsa, ao lado da mãe, ele estendeu uma faixa com um pedido de casamento para a namorada e ajoelhou-se estendendo-lhe as alianças.

“Eu sempre demonstrava que o pedido ia demorar, para ela não suspeitar de nada”, conta. “Um dia pensei: por que não na formatura?” Deu certo. Maria Jaberlanye da Silva, de 21 anos, que namora Arlem há 3 anos e meio, ficou surpresa e feliz. A performance romântica deu gosto especial a festa de formatura realizada numa arena de ferrô.

Todos os pólos dependem de apoio para funcionar. Essa é uma contrapartida do município para receber atividades de ensino a distância. O município deve oferecer estrutura física, equipamentos, um técnico de informática e um bibliotecário. Os tutores são escolhidos pela



Duas Estradas PB 2.253 km

Pedido de casamento: a declaração de Arlem para Lánye emocionou a festa paraibana

universidade, por meio de processo seletivo.

Em Duas Estradas (PB), o prefeito Roberto Carlos Nunes leva a parceria tão a sério que ele mesmo faz questão de levar e buscar os professores da UnB no aeroporto de João Pessoa, mais de 100 quilômetros distante do município. Ele sabia de cor o número de estudantes que iam se formar, os que perderam o ano e os que virão na próxima turma. “O sonho de muita gente é ter um curso superior. Temos a oportunidade de ter o pólo e a UnB tem feito a diferença”, declarou. “É uma modalidade que ainda não é conhecida em nível nacional, mas tem prestado um serviço enorme, principalmente para as cidades pequenas”.

INCLUSÃO DIGITAL

A principal meta do programa UAB é a democratização do acesso ao ensino superior público. Uma consequência direta desse processo é a inclusão digital. “Ao longo do desenvolvimento desse programa, percebemos que precisávamos desenvolver competências básicas para a realização de um curso a distância como, por exemplo, o domínio das ferramentas de um computador”, explica Maria Lídia.

Quando entrou no curso de Teatro aos 42

A EDUCAÇÃO ENCURTOU DISTÂNCIAS, TRANSFORMOU A UnB DE DARCY RIBEIRO NA UNB DE NAZARÉ, ARLEM SELMA E VERÔNICA

anos, Maria de Nazaré Marques não imaginava o que encontraria pela frente. Professora do ensino médio, ela ainda usava mimeógrafo para copiar as provas que aplicava aos alunos de Cruzeiro do Sul, no Acre. O computador foi

o primeiro desafio que ela enfrentou na educação a distância. Quatro anos depois, tem e-mail, facebook, skype e ainda usa a internet para paquerar. “Hoje sou uma mulher conectada”, diz.

Nas primeiras noites em frente ao computador, Maria de Nazaré chorou, xingou, jogou o teclado no chão e, finalmente, desistiu de brigar com a máquina. “Um dia, decidi que ia aprender a lidar com tudo isso. Aprendi sozinha a mexer no Word. Meu sobrinho, que na época tinha 8 anos, me ajudou muito”, lembra. “A educação a distância veio tirar as pessoas do analfabetismo digital. Ela ampliou os meus limites e aumentou minhas possibilidades.”

Cruzeiro do Sul fica a 3.500 quilômetros de Brasília e é distante até mesmo da capital Rio Branco – a cidade era parte do território boliviano até o início do século XX. Os cruzeirenses mais antigos costumam se considerar fora do país. Referem-se aos outros estados como “lá no Brasil”. Para os acreanos da UAB/UnB, o costume não faz mais sentido. A educação encurtou distâncias, transformou a UnB de Darcy Ribeiro na UnB da cruzeirense Nazaré, do dois-estradense Arlem, da barretense Selma e da brasileira Verônica.

Barretos SP 690 km



Conquista comemorada: No interior de São Paulo e no Acre, novos professores se comprometem com o desenvolvimento local

Brasília AC 3.085 km



1962
1969



21 de abril de 1962
Cerimônia de inauguração

A UnB é inaugurada em 21 de abril de 1962. A cerimônia, com a presença de Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira, acontece no auditório Dois Candangos que só ficou pronto 20 minutos antes do evento. O nome do espaço é uma homenagem Exedito Xavier Gomes e Gedelmar Marques, operários que morreram num desabamento durante a construção do auditório. As aulas da Universidade tinham começado em 9 de abril daquele ano em dependências emprestadas pelos Ministérios da Saúde e Educação.

**9 DE ABRIL DE 1964
PRIMEIRA INVASÃO**

O golpe militar, declarado em 31 de março de 1964, não demora a ameaçar o ambiente libertário do campus. Em 9 de abril de 1964, militares invadem o campus em busca de armas e material de propaganda considerado subversivo. Um Inquérito Policial Militar (IPM) contra professores e estudantes é instaurado para investigar denúncias de subversão e indisciplina na universidade. Nos dias que se seguem, o regime militar extingue o mandato do reitor Anísio Teixeira. Em seu lugar, é nomeado o médico Zeferino Vaz.

**18 DE OUTUBRO DE 1965
DEMISSÃO COLETIVA**

Em 18 de outubro de 1965, 223 professores e assistentes assinam demissão coletiva em protesto contra a repressão vivida na universidade. A crise vinha se agravando desde o ano anterior, quando 15 docentes foram afastados pelo então reitor Zeferino Vaz. De uma vez só, a UnB perdeu o equivalente a 79% de seus docentes da época. Athos Bulcão, Glênio Bianchetti, Roberto Salmeron, Luis Humberto Martins e Aryon Dall'Igna foram alguns dos que saíram.



29 de agosto de 1968
Estudantes contra a ditadura

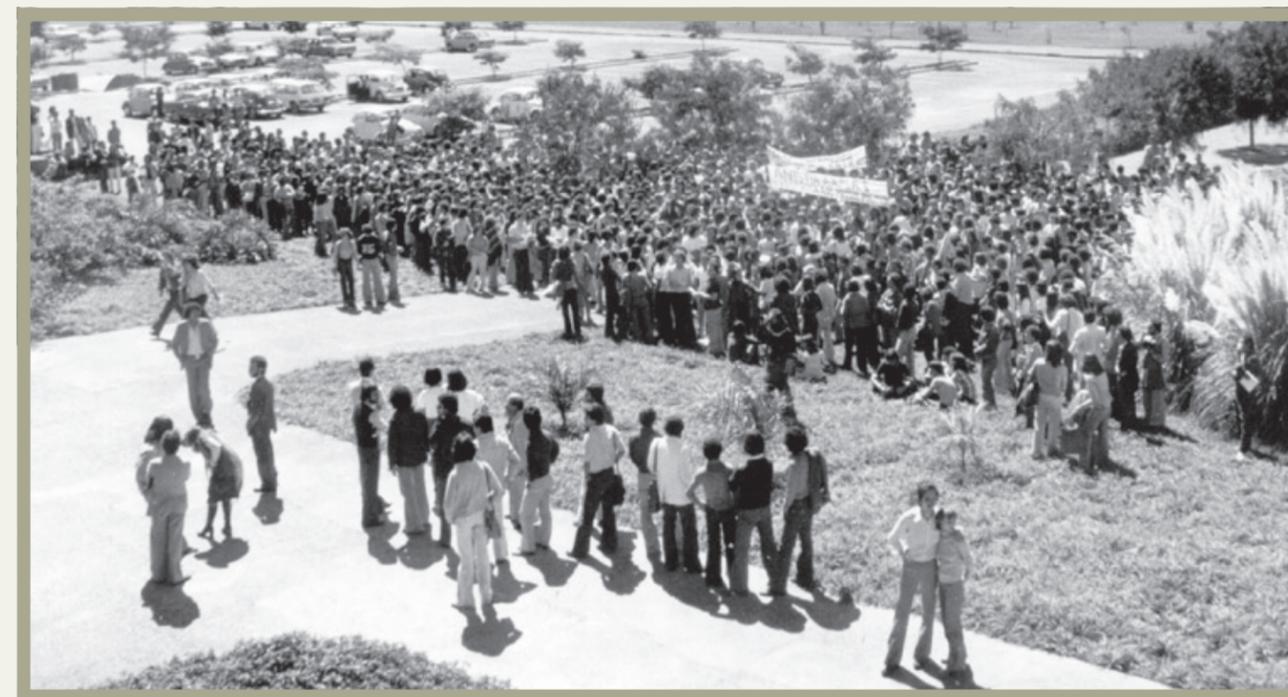
Em 29 de agosto, o campus sofre uma violenta invasão. Policiais da civil, militar, DOPS e Exército, com armas em punho, perseguem estudantes por toda a universidade. Cerca de 500 alunos são detidos, sendo que 60 são presos – entre estes, o líder estudantil Honestino Guimarães. Dois meses antes, o movimento estudantil da UnB tinha decretado a suspensão das aulas em protesto a morte do estudante secundarista Edson Luis, que havia sido assassinado no Rio de Janeiro.

1970
1979



19 de novembro de 1970
Albert Sabin no campus

O cientista Albert Sabin desembarca pela quarta vez no Brasil para defender a cooperação internacional na luta contra a miséria. Um dos principais objetivos de sua visita é intensificar o intercâmbio científico do Instituto de Pesquisas Weizmann de Israel, do qual era presidente, com instituições brasileiras. Ele recebe o título de *Honoris Causa* da UnB, entregue pelo então reitor Caio Benjamin em 19 de novembro de 1970.



1977
Novas ofensivas militares

Estudantes e professores fazem protesto na Via L2 Norte para pedir a demissão do reitor José Carlos de Almeida Azevedo. São suspensos 16 alunos identificados como líderes das manifestações. Em função disso, os estudantes decidem em maio entrar em greve por tempo indeterminado. Para intimidá-los, o reitor solicita a presença da Polícia Militar, que ocupa o campus e força o reinício das aulas. Nesse ano, o campus ainda seria ocupado duas outras vezes pela PM.

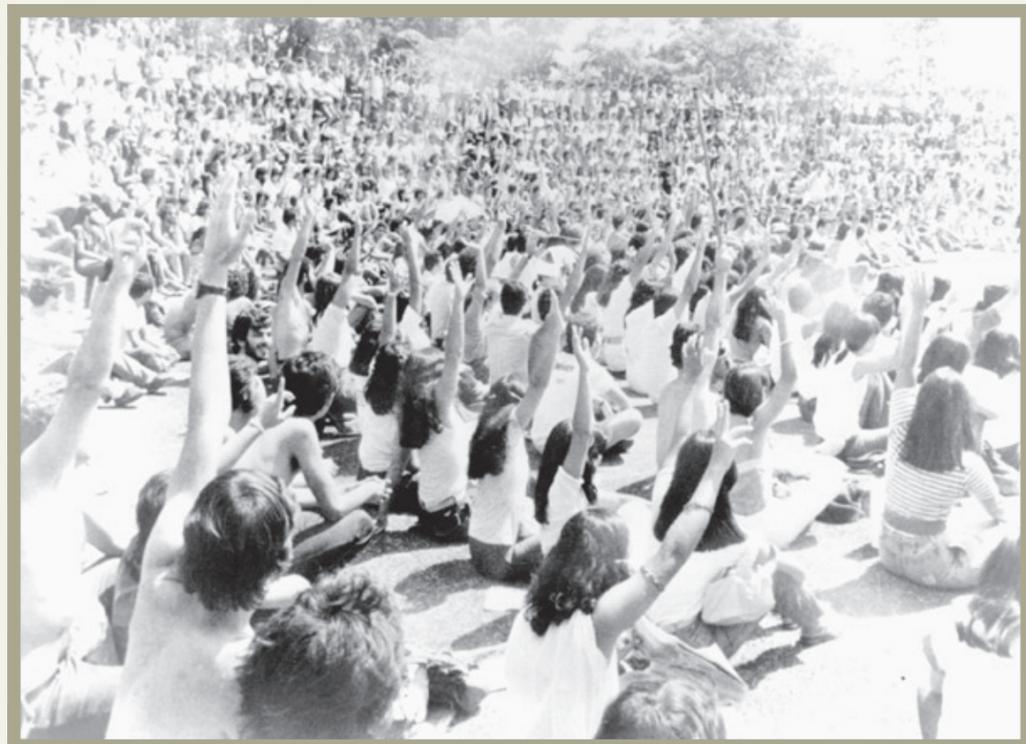
**1975
ABERTURA DO BANDEJÃO**

Iniciadas em 1973, as obras do prédio da reitoria e do restaurante universitário, conhecido como Bandeirão, são concluídas. Também é feita uma urbanização gradual do campus.

**1979
INTERVENÇÃO NAS UNIVERSIDADES**

Pela Lei nº 6.733/79, o reitor e o vice-reitor das universidades federais passam a ser escolhidos pelo presidente da República, sem a exigência da lista sêxtupla. Os cargos de direção passam a ser de confiança, nomeados diretamente pelo reitor. A lei é apelidada de Lei Azevedo porque esvaziou a crescente oposição ao então reitor da UnB, José Carlos de Azevedo, e permitiu que ele seguisse no cargo até 1985.

1980
1991



1982

Protestos por liberdade

O enfraquecimento da repressão no país permite que o movimento estudantil volte a se manifestar. O ano se inicia com greve dos estudantes de Medicina, que reclamam o direito de trabalhar em qualquer unidade da rede da Fundação Hospitalar do Distrito Federal. Os estudantes de Enfermagem aderem em busca de melhores condições de estágio. Em seguida, alunos das Engenharias Mecânica e Florestal também protestam pela contratação de professores. Finalmente, no dia 28 de outubro, cerca de cinco mil estudantes se juntam no Teatro de Arena e decretam greve geral na UnB. Em novembro, professores fazem passeata à reitoria para exigir audiência com o reitor José Carlos de Almeida Azevedo. Pela primeira vez, ele recebe a Associação de Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB). Em 12 de março de 1985, já sob o regime democrático, Azevedo deixaria o comando da UnB.

1985

DEMOCRATIZAÇÃO EM CURSO

Em 15 de janeiro de 1985, o Brasil comemora o fim da ditadura militar com a eleição de Tancredo Neves, primeiro presidente civil em 20 anos. Antes ainda, os ventos democráticos já tinham alcançado o campus. Eleito pela comunidade, Cristovam Buarque toma posse em 26 de julho de 1985. Um de seus primeiros atos é reincorporar ao quadro da UnB os professores que participaram da demissão coletiva em 1965.

1989

ELEIÇÕES PARITÁRIAS

Pela primeira vez, são realizadas eleições paritárias para reitor da UnB em 14 de novembro de 1989. Mesmo não prevista em lei, a equivalência entre o voto de professores, alunos e servidores é instituída depois de uma consulta à comunidade acadêmica. Antônio Ibañez Ruiz é escolhido reitor.

5 de agosto de 1991

Nelson Mandela na UnB

A UnB concede título de Doutor *Honoris Causa* ao líder político sul-africano Nelson Mandela, presente na Universidade para homenagem no dia 5 de agosto de 1991. Ele receberia o prêmio Nobel da Paz três anos depois, em 1993, e se tornaria o primeiro presidente negro da África do Sul em 1994.



1992
2000



1995

Darcy Ribeiro é *Honoris Causa*

Em 15 de março de 1995, Darcy Ribeiro volta à UnB para receber o título de *Honoris Causa*. A cerimônia realizada no Teatro de Arena é acompanhada por milhares de pessoas. Na mesma ocasião, o campus é oficialmente rebatizado com o nome do antropólogo. Dois anos depois do evento, Darcy morre de câncer generalizado no hospital Sarah Kubitschek, em Brasília.

1996

CRIAÇÃO DO PAS

Sob a gestão do professor João Claudio Todorov, a UnB cria o Programa de Avaliação Seriada (PAS) como alternativa ao vestibular. O PAS consiste em provas aplicadas ao término de cada uma das séries do ensino médio. Os melhores colocados ao final das três etapas são automaticamente aprovados para a universidade.

1997

TÍTULO PARA SARAMAGO

O Conselho Universitário outorga título de *Honoris Causa* a José Saramago em 17 de janeiro de 1997. No ano seguinte, o escritor português ganha o Prêmio Nobel de Literatura.

1999

Dalai Lama no Teatro de Arena

Dalai Lama, líder político e espiritual tibetano, visita a universidade para receber o título de Doutor *Honoris Causa*. Em 7 de abril de 1999, milhares de pessoas se juntam no Teatro de Arena para ouvir as palavras da autoridade máxima do budismo.





Rodrigo Dalen/UnB Agência

2008

Ocupação derruba reitor

Em 3 de abril de 2008, cerca de 300 estudantes ocupam o prédio da reitoria para exigir que o reitor Timothy Mulholland deixe o cargo. Ele era acusado de utilizar R\$ 470 mil de verba pública para mobiliar o apartamento da UnB que ocupava. Em 12 de abril, sob pressão, Timothy renuncia. O professor Roberto Aguiar, do Direito, assume como reitor *pro-tempore*.

2001

RESISTÊNCIA DOS PROFESSORES

Professores da UnB aderem à greve geral das instituições de ensino superior em 22 de agosto de 2001. Três dias depois, servidores e funcionários se juntam ao movimento. A paralisação, que durou 108 dias, chegou ao fim quando o governo criou duas mil novas vagas para professores e reajustou os salários em até 15%.

2002

INAUGURAÇÃO DO CENTRO COMUNITÁRIO

Em 12 de junho de 2002, o espaço que marca a entrada dos estudantes na Universidade, nas Boas-Vindas, e a saída, na colação de grau, é inaugurado com a presença de Athos Bulcão, homenageado no nome do Centro Comunitário. Em setembro daquele ano, o centro comunitário receberia os candidatos à presidência Ciro Gomes, Garotinho e Lula para um debate visto por mais de 5 mil pessoas.

2003

INSTITUIÇÃO DAS COTAS

A ação afirmativa que prevê reserva de 20% do total de vagas para afrodescendentes é aprovada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) após cinco anos de debates em 26 de junho de 2003. Sob a gestão do professor Lauro Mohry, a UnB se torna a primeira universidade federal a instituir o sistema de cotas. Em 12 de março do ano seguinte, é assinado o convênio entre a UnB e a Fundação Nacional do Índio (Funai) para viabilizar o ingresso na universidade de dez indígenas a cada semestre.

2006

VESTIBULAR EM PLANALTINA

No dia 26 de março de 2006, ocorre o primeiro vestibular para a Faculdade UnB Planaltina. São oferecidos os cursos de Gestão do Agronegócio e Licenciatura em Ensino de Ciências Naturais. As aulas começam em 16 de maio. De lá para cá, também foram criadas unidades da UnB no Gama e em Ceilândia.

2008

ELEIÇÕES PARITÁRIAS

Em 26 de setembro de 2008, José Geraldo de Sousa é eleito para a reitoria em votação paritária. Segundo a decisão que havia sido tomada pelo Consuni, em 13 de julho, o voto de professores, servidores e estudantes teve peso igual (33%). Antes, o segmento docente possuía 70% do peso, enquanto estudante e servidores dividiam os 30% restantes. A posse acontece em 18 de novembro.

2009

LANÇAMENTO DA REVISTA DARCY

A UnB assume o compromisso público de levar o conhecimento produzido na universidade até os bancos escolares. Depois de um intenso trabalho de produção jornalística, a Secretaria de Comunicação (Secom) lança a revista Darcy em 30 de junho de 2009. A primeira revista de jornalismo cultural e científico da instituição é voltada para professores do ensino médio e nasce com a missão de democratizar o conhecimento acadêmico.

2010

Festa no Beijódromo

No dia 6 de dezembro, é inaugurado o Memorial Darcy Ribeiro, com a presença do então presidente Lula. Projetado pelo arquiteto Lelé Filgueiras a pedido do fundador e primeiro reitor da UnB, o prédio é uma mistura de oca indígena com disco voador. O memorial abriga uma coleção de 20 mil volumes de documentos, livros, quadros e fotos de Darcy e sua companheira Berta Ribeiro. Darcy queria um espaço onde os estudantes pudessem namorar e ver as estrelas.



Saio Tomé/UnB Agência

Alexandra Martins/UnB Agência



2011

Expansão universitária

Em 11 de novembro de 2011, o reitor José Geraldo de Sousa inaugura a sede definitiva do campus de Planaltina, consolidando a expansão universitária. Nos últimos dez anos, a infraestrutura física da UnB cresceu 47% e alcançará 237 mil m² de prédios até o final deste ano.

Alexandra Martins/UnB Agência



2012

Aula da Inquietação com Amyr Klink

Em 21 de março de 2012, o reitor José Geraldo de Sousa recebe o navegador e escritor Amyr Klink para a Aula da Inquietação no Teatro de Arena. "É preciso somar ciência e saberes populares na construção do conhecimento", afirmou Amyr para uma platéia de 2,5 mil estudantes. Ele ainda aconselhou: "Busquem conhecimentos diversificados para fazer as coisas do seu jeito e não da forma como esperam que você faça". O projeto Aula da Inquietação, criado em 2009, acontece no começo de cada semestre com o objetivo de provocar a curiosidade intelectual e a rebeldia produtiva dos universitários.

A UnB QUE VOCÊ VÊ

Na edição passada, fizemos um convite para que os leitores enviassem fotos da UnB. Cerca de 60 pessoas atenderam o chamado e nos mostraram que a Universidade vai muito além de uma instituição de ensino. Ela é também arquitetura, esporte, arte, meio ambiente, alegria, encontros, desencontros e experiências de vida. Em equipe, votamos e escolhemos 10 dessas fotos, uma pequena amostra do dia a dia na UnB. Confira na página da DARCY no Facebook outras fotos enviadas para o concurso



Mattheus Macedo, aluno de audiovisual do IESB, **Renato Rios**, aluno de artes visuais, **Rodrigo Cruz**, mestrando em artes plásticas (2012)



Lucas Aragão Bessa, aluno de engenharia elétrica (2012)



Ricardo Cintra,
jornalista (2000)



Henrique Santos, aluno de
publicidade (2011)



Cecília Delaure, aluna de
engenharia elétrica (2012)

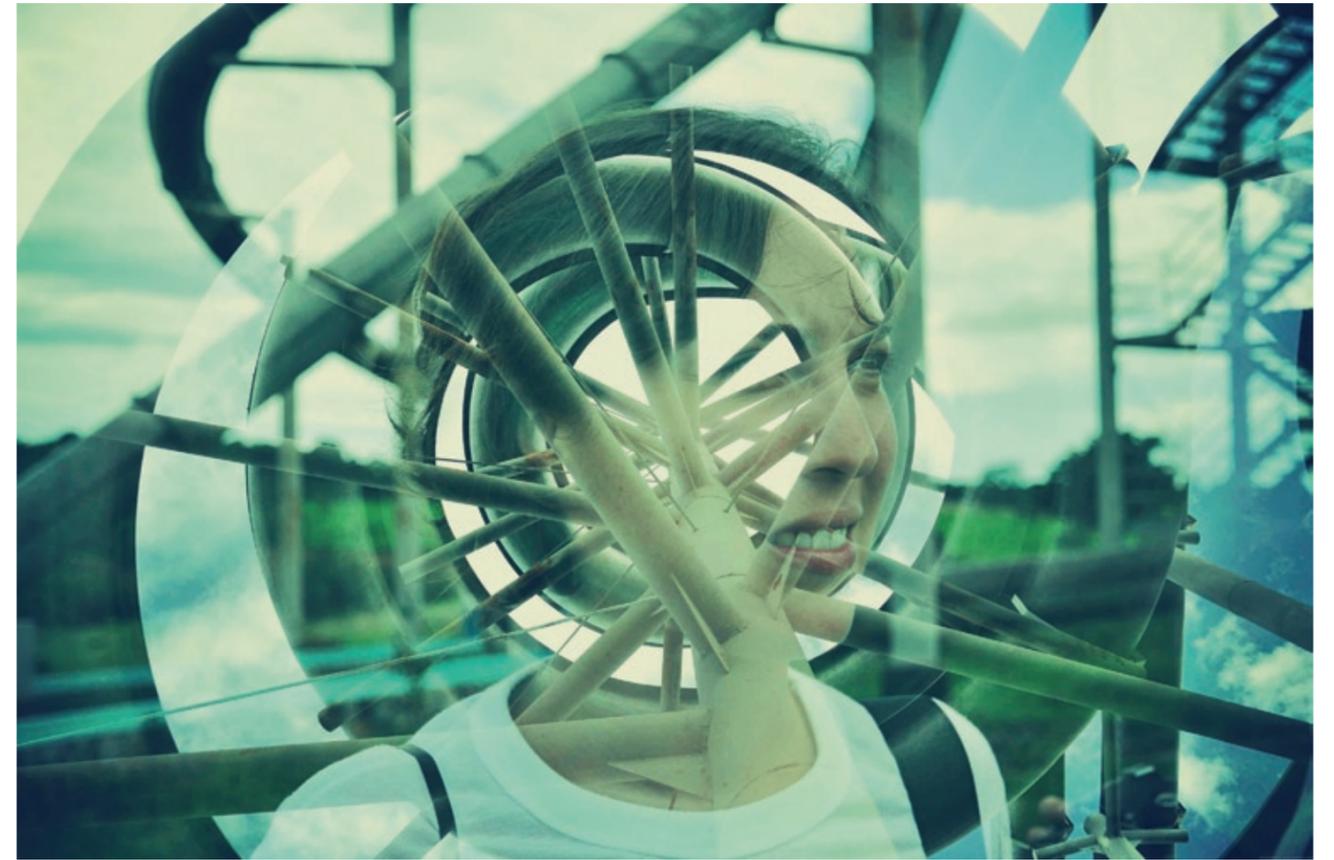


Izabella Verônica, aluna de
letras - português (2012)

Gabriel Carvalho, aluno de economia (2012)



Bruno Azambuja, arquiteto e urbanista (2008)



Lucas Las-Casas, estudante do ensino médio (2012)



Caio Csermak, mestrando em antropologia (2011)

Aldo Paviani evoca as memórias do campus quando ainda era um canteiro de obras e elogia o projeto de expansão acadêmica

Em 1969, ao chegar à UnB para ser professor no Instituto Central de Geociências, impressionou-me a grande estrutura do ICC – o Minhocão. Estava ainda em construção; via-se na entrada sul um guindaste sobre trilhos para o transporte das grandes placas. Era trabalho lento, que demandava cuidados e exatidão para que os encaixes coubessem no devido lugar. Os módulos centrais estavam sendo erguidos no ICC-Sul. Ao término dessa operação, as máquinas deixaram o local e o teto dos módulos centrais foi impermeabilizado. Depois essa cobertura recebeu grama e plantas. Isso levou tempo. No começo dos anos 1970, o Minhocão se destacava no campus, com seus mais de 700 m.

Logicamente, essa construção lenta não impediu que cada espaço inacabado fosse ocupado com salas de aula, institutos centrais, laboratórios. A maioria dos professores assumiu dedicação exclusiva. Alguns trabalhavam até aos sábados, domingos e feriados. No final dos anos 1960, a UnB havia contratado ou requisitado professores de outras universidades, em razão da diáspora ocasionada com a demissão, pelo regime ditatorial, de duas centenas de professores. Diga-se que alguns foram diretamente demitidos e outros pediram desligamento por solidariedade aos colegas. Foram anos de crise na década de 1970, quando mais de uma vez, a instituição foi invadida por tropas militares, à procura dos que consideravam subversivos.

Mais de uma vez fomos impedidos de entrar no campus, pois havia barreiras nas vias e entradas principais, em clara atitude de intimidação. Nenhum esforço truculento dos governantes e interventores impediu que a vida acadêmica seguisse em frente. Parávamos os movimentos grevistas e de protesto, mas voltávamos às atividades normais apesar da tensão constante e das notícias alarmistas que circulavam boca a boca. Esse capítulo de interferência, inclusive com a nomeação de reitor-interventor, aqui apenas lembrado, mereceria um resgate mais profundo, cujos autores poderiam ser ex-alunos, ex-funcionários, ex-professores e docentes, que foram testemunhas oculares desse período obscuro não só da UnB, mas de todo o país.

O curioso, para quem havia chegado de outras cidades ou universidades, era a estrutura acadêmica avançada, que previa um ciclo básico de dois anos para todos os ingressantes, que após esse período seguiam para os cursos específicos. A UnB era regida (e ainda é - com modificações) por um Estatuto e Regimento Geral e pelo Regimento da Administração e do corpo docente, discente e técnico administrativo. Esses dispositivos eram subsidiados anualmente por anexos nos quais constavam as novas disciplinas. Todos esses instrumentos normativos eram distribuídos aos docentes e alterados pelas Congregações de Carreira dos Institutos e Faculdades – a que todos os



Rafael Carvalho/UnB Agência

docentes do quadro tinham acesso. Ressalte-se que, por muitos anos, havia os professores colaboradores, regidos pelas Leis Trabalhistas (a CLT).

Por tudo isso, os idealizadores da UnB - Darcy Ribeiro, Anísio Teixeira e outros, se estivessem vivos, desfrutariam alegrias e contentamento por verem que o inicialmente imaginado se concretizou plenamente. E a materialização acontece no plano de suas instalações e do projeto científico e pedagógico. No plano físico, a UnB desfruta de largas porções de terra para fins acadêmicos – o Campus Darcy Ribeiro no Plano Piloto, a Estação Experimental na Asa Norte, a fazenda Água Limpa, além de seus campi em Planaltina, Ceilândia e Gama. Em todas essas áreas há obras, anunciando a expansão das atividades, que denotam a aproximação acadêmica das cidades satélites do Plano Piloto, democratizando as atividades universitárias. Portanto, a UnB, com seu pulsar, se expande, tendo como norte a excelência acadêmica em todas as suas dimensões estruturais e humanísticas. Seu cinquentenário merece essa e outras homenagens, almejando outros 50 anos de avanços e resgate dos objetivos que a criaram em 1962. ■



Sérgio Koide,
Professor – Engenharia Civil



Os caminhos do Flaac 2012 levam a um só lugar: a integração cultural

O Flaac 2012, eixo das comemorações dos 50 anos da UnB, vai apontar novos percursos para o entendimento amplo de nossas raízes. Com a programação espalhada pelos Caminhos da África, da América Latina e Afro-latinos, o Festival valoriza saberes ancestrais e dialoga com os reflexos culturais, sociais e políticos que reverberam em nosso país.

**De 21 de abril a 10 de agosto,
no Distrito Federal**



FLAAC2012

Festival Latino-americano
e Africano de Arte e Cultura



UnB



50¹⁹⁶²
2012